



GOVERNO DA FEDERAÇÃO DA RÚSSIA  
INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ORÇAMENTO ESTATAL DO ENSINO SUPERIOR PROFISSIONAL

«**Universidade Estatal de São Petersburgo**»

(UESP)

Faculdade de psicologia

Programa educacional de pós-graduação profissional

«Psicologia»

**Trabalho final com o tema:**

**O SENTIDO DO TRABALHO PARA AS PESSOAS NA FASE DA IDADE  
MADURA**

**Orientador científico:**

Dra. Victoria Dimitrieva

---

(assinatura)

**Foi realizado por:**

Pellegrini, Beatriz Machri de

São-Petersburgo

2013 г.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Gráfico demonstrativo do grau de instrução .....	28
Figura 02: Gráfico demonstrativo da situação legal em relação ao trabalho.....	29
Figura 03: Gráfico demonstrativo do rendimento mensal do estrato R1 .....	29
Figura 04: Gráfico demonstrativo do rendimento mensal do estrato R2 .....	29
Figura 05: Gráfico demonstrativo do rendimento mensal do estrato R3 .....	30
Figura 06: Gráfico demonstrativo do enquadramento no trabalho do estrato R1 .....	30
Figura 07: Gráfico demonstrativo do enquadramento no trabalho dos estratos R1 e R2 .....	30
Figura 08: Gráfico demonstrativo da atividade atual do estrato R1.....	31
Figura 09: Gráfico demonstrativo do nível de neurotização .....	40
Figura 10: Gráfico demonstrativo do nível de controle subjetivo, estrato R1.....	42
Figura 11: Gráfico demonstrativo do nível de controle subjetivo, estrato R2 .....	43
Figura 12: Gráfico demonstrativo do nível de controle subjetivo, estrato R3 .....	44
Figura 13: Gráfico demonstrativo do nível de Vitalidade .....	45
Figura 14: Médias marginais estimadas da Ferramenta 2 (F) .....	47
Figura 15: Médias marginais estimadas da Escala de Neurotização .....	48
Figura 16: Médias marginais estimadas de Parede IO .....	49
Figura 17: Médias marginais estimadas de Parede IR .....	49
Figura 18: Médias marginais estimadas de Parede IF .....	50
Figura 19: Médias marginais estimadas de Parede Ifam .....	51
Figura 20: Médias marginais estimadas de Parede Ipr .....	51
Figura 21: Médias marginais estimadas de Parede Iip .....	52
Figura 22: Médias marginais estimadas de Parede IS .....	52
Figura 23: Médias marginais estimadas de Envolvimento .....	53
Figura 24: Médias marginais estimadas de Controle .....	54
Figura 25: Médias marginais estimadas de Aceitação de Riscos .....	54
Figura 26: Plêiades de Correlação do Nível de Neurotização .....	55
Figura 27: Plêiades de Correlação do Nível de Controle .....	55
Figura 28: Plêiades de Correlação de Aceitação de Riscos .....	56

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Demonstrativo, por estrato da amostra, do tempo vivido na casa dos pais .....	32
Tabela 02: Demonstrativo, por estrato da amostra, do desejo de mudança na vida .....	34
Tabela 03: Demonstrativo, por estrato da amostra, de obstáculos para a mudança .....	36
Tabela 04: Demonstrativo, por estrato da amostra, sobre o que dá mais prazer na vida ....	38
Tabela 05: Demonstrativo, por estrato da amostra, do adjetivo de autoimagem .....	39
Tabela 06: Demonstrativo, por estrato da amostra, dos testes do nível de neurotização não confiáveis .....	40

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
<b>PRIMEIRO CAPÍTULO</b>	
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....	07
<b>1.1 O trabalho humano e a aposentadoria .....</b>	<b>07</b>
1.1.1 O trabalho na sociedade pré-industrial .....	07
1.1.2 Aspectos históricos da aposentadoria no Brasil .....	10
<b>1.2 Aspectos socio psicológicos da atitude perante o trabalho .....</b>	<b>12</b>
1.2.1 O sentido do trabalho para o idoso e a sociedade.....	12
1.2.2 Necessidades básicas do ser humano .....	16
1.2.3 O desenvolvimento psicossocial .....	19
<b>1.3 O sentido do trabalho na visão humanista .....</b>	<b>21</b>
1.3.1 Concepção ontológica do trabalho .....	22
1.3.2 O sentido do trabalho como ordem de natureza .....	24
<b>SEGUNDO CAPÍTULO</b>	
<b>PROGRAMA E MÉTODOS DE PESQUISA.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Campo problemático da pesquisa .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 Escopo e tarefas da pesquisa .....</b>	<b>26</b>
2.2.1 Escopo da pesquisa .....	26
2.2.2 Tarefas da pesquisa .....	27
<b>2.3 Hipótese e objeto da pesquisa .....</b>	<b>27</b>
2.3.1 Hipótese da pesquisa .....	27
2.3.2 Objeto da pesquisa .....	27
<b>2.4 Caracterização da amostra.....</b>	<b>27</b>
<b>2.5 Métodos e programa da pesquisa .....</b>	<b>31</b>
<b>TERCEIRO CAPÍTULO</b>	
<b>DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 Resultado do questionário autoral .....</b>	<b>32</b>
3.1.1 Análise das questões dissertativas .....	34
<b>3.2 Resultado do teste do nível de neurotização .....</b>	<b>39</b>
<b>3.3 Resultado do teste do nível de controle subjetivo .....</b>	<b>41</b>
<b>3.4 Resultado do teste do nível de vitalidade .....</b>	<b>44</b>
<b>3.5 Análise do processamento estatístico .....</b>	<b>47</b>
3.5.1 Análise descritiva.....	47
3.5.2 Análise de correlação.....	56
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>58</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

O avanço da ciência e o conseqüente aumento na expectativa de vida do ser humano expõem uma realidade onde é crescente o número de pessoas na faixa etária de 60 anos ou mais que permanecem ativas no mercado de trabalho.

Segundo a publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o País contava com uma população de cerca de 23,5 milhões de pessoas de 60 anos ou mais de idade no ano de 2011. Com uma taxa de fecundidade abaixo do nível de reposição populacional, combinada ainda com outros fatores, tais como os avanços da tecnologia, especialmente na área da saúde, atualmente o grupo de idosos ocupa um espaço significativo na sociedade brasileira. No período de 2000 a 2011, o peso relativo dos idosos (60 anos ou mais de idade) no conjunto da população passou de 9,0% para 12,1% (IBGE, 2012).

A pesquisa deste Instituto aponta também que as mulheres são a maioria (55,7%), e 63,7% dos idosos são pessoas de referência na família, ou seja, responsáveis pelas condições nos domicílios; 14,4% dos idosos brasileiros vivem sozinhos, sem parentes, parceiros, filhos ou agregados. Outros dados desta pesquisa demonstram que a escolaridade dos idosos brasileiros ainda é considerada baixa: 32,0% tinham menos de um ano de instrução. Pouco menos de 12,0% viviam com renda domiciliar per capita de até meio salário mínimo.

No que se refere à inserção no mercado de trabalho, a taxa de ocupação é de 27,0% para as pessoas com 60 anos ou mais de idade, com um rendimento médio de R\$ 1.613,67 e 35,2 horas semanais de trabalho, em média (IBGE, 2012). Assim, se o trabalho na idade madura apresenta muitos desafios no que diz respeito às possíveis limitações físicas decorrentes do envelhecimento, de outro, poderá haver uma nova motivação baseada em fatores que, por vezes, não eram possíveis na faixa etária anteriores onde outros motivos ou necessidades determinavam a ação laborativa.

O interesse nesse estudo está focado no segmento das pessoas que permanecem trabalhando profissionalmente, após o tempo regulamentar de aposentadoria. A escolha do tema de pesquisa se justifica também pelo fato de que, no decorrer de sua vida acadêmica, a autora deste estudo teve a oportunidade de vivenciar diversas situações que envolveram pessoas da faixa etária especificada, o que suscitou a elaboração e publicação de um artigo. Portanto, esta pesquisa representa também, o aprofundamento de um tema de interesse particular, mas que pode ter uma repercussão social considerada.

Do universo de pesquisa, um grupo diz respeito àqueles já aposentados que permanecem em atividade por uma premência econômica, haja vista a exigência da complementação de recursos a fim de atender as suas necessidades básicas. Em outro grupo, constata-se a existência de

profissionais, cuja vida laboral lhes proporcionou uma posição econômica estável, e, no entanto, mantêm-se ativos frente aos desafios que o trabalho se lhes apresenta. Portanto, constituem um grupo especial, que se diferencia dos demais, porque é formado por pessoas que já atingiram a estabilidade financeira e continuam trabalhando.

A constatação de que pessoas com estabilidade financeira continuam trabalhando até a idade avançada, permite inferir que essas pessoas devem ter características psicológicas que as distinguem das demais e podem ser determinantes na definição de uma atitude proativa ao trabalho. A partir dessas observações configurou-se o seguinte **problema de pesquisa**: Que motivações sócio psicológicas são características das pessoas que já atingiram a estabilidade financeira e se mantêm em atividade profissional?

Para responder a questão formulada, foram definidos como objetivos de pesquisa investigar o sentido do trabalho para as pessoas que, em idade regulamentar de aposentadoria ou já aposentadas e que já atingiram a estabilidade financeira, continuam trabalhando profissionalmente. Especificamente, descrever o perfil dos diferentes grupos de profissionais que participaram da amostra e que continuam trabalhando por diferentes motivos. Identificar o sentido do trabalho e causas que levam determinadas pessoas a abandonar o trabalho após o tempo regulamentar de aposentadoria.

As principais conclusões do estudo apontam que as pessoas com independência econômica, que continuam trabalhando após o tempo regulamentar de aposentadoria, o fazem por encontrarem no trabalho o sentido da autorrealização, diferentemente das que continuam trabalhando por necessidade. Também gostariam de continuar trabalhando os pesquisados que tiveram que deixar o trabalho por diversas razões que não o sustento.

A estrutura da tese compreende três capítulos, além desta introdução, das considerações finais e dos elementos pós-textuais. No primeiro capítulo apresenta-se a revisão bibliográfica em que se discorre sobre o trabalho, aspectos sócio psicológicos e a visão humanista do trabalho. O programa e métodos de pesquisa são apresentados no segundo capítulo e, no terceiro, a análise dos resultados.

## **Capítulo I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

A organização deste capítulo compreende três secções. Na primeira apresenta-se a forma como o trabalho foi se estruturando ao longo da história da humanidade. Inicia-se com a descrição do trabalho na sociedade pré-industrial, descrevem-se aspectos históricos da aposentadoria no Brasil. Na segunda secção são apresentados os aspectos sócio psicológicos e na parte final do capítulo discorre-se sobre o sentido do trabalho na visão humanista.

### **1.1 O trabalho humano e a aposentadoria**

Assiste-se hoje a transformações importantes no mundo do trabalho. Novas formas de organização aparecem e a natureza se modifica. O desaparecimento de empregos permanentes cede lugar a novas tecnologias e formas inovadoras de organização do trabalho. Isto impõe uma realidade onde milhares de pessoas sofrem pela falta de uma vaga. Entretanto, o trabalho humano sempre estará presente, mesmo nas atividades de tecnologia mais avançada, pois toda a tecnologia terá sempre como autor o ser humano.

Se a natureza do trabalho determina diferentes exigências, contudo, de forma geral, pode-se dizer que ele sempre esteve presente no mundo, desde que o homem, como ser social, passa da condição de sua origem natural baseada nos instintos para uma produção e reprodução como gênero humano.

De acordo com Lúria (1991), a partir da necessidade do emprego dos instrumentos de trabalho tem-se a primeira forma de atividade consciente. A preparação dos instrumentos para utilização posterior exigia várias operações auxiliares que levariam ao surgimento de formas de comportamento que não eram dirigidas por motivos biológicos. Esse autor argumenta que “a atividade consciente do homem não é produto do desenvolvimento natural de propriedades jacentes no organismo, mas o resultado de novas formas histórico-sociais de atividade-trabalho” (p.75). Assim, é procedente apresentar, nesta seção, o sentido do trabalho a partir da sociedade pré-industrial e aspectos históricos da aposentadoria no Brasil.

#### **1.1.1 O trabalho na sociedade pré-industrial**

A Grécia era um país pobre, formado por vales estreitos e paisagens cortadas por montanhas de difícil cultivo. A agricultura e o pastoreio eram a principal ocupação. Sua história econômica deste período, assim como do Egito e da Pérsia, apresenta a forma mais extrema de trabalho adotada até os nossos dias pela humanidade: a escravidão. De acordo com Jaeger (2003), a vida

despreocupada da classe senhoril dos escritos do poeta Homero, não deve induzir ao erro, pois a Grécia exigia de seus habitantes uma vida de trabalho.

Os gregos livres, em sua maioria, desprezavam o trabalho dependente e qualquer atividade que produzisse fadiga física. Qualquer produção de objetos materiais era considerada de segunda ordem, pois em primeira ordem estava somente o concernente à produção de ideias. Havia uma rígida hierarquia de prestígio social: matemática e medicina eram apreciadas, enquanto engenharia e cirurgia, desprezadas (DE MASI, 2000).

Todo o trabalho prático era delegado aos metecos e aos escravos. Os homens livres se dedicavam inteiramente à política, à filosofia e à ginástica. O comércio era considerado indecoroso por ser praticado pelos metecos. Estes eram estrangeiros livres, residentes na cidade, com poucas limitações políticas e possibilidade de usufruir do ensino e dos espetáculos. Praticamente tudo o que era necessário ser feito na vida cotidiana ficava a cargo do esforço destes e dos escravos. Na história de tal época, encontram-se metecos que se distinguiram como, por exemplo, o médico Hipócrates, o historiador Heródoto, os pintores Zêuxis, Polignoto e Parrásio e o orador Lísias (DE MASI, 2000).

Platão, apud De Masi (2000, p. 75), apresenta, na obra *Fedro*, uma classificação “ético-prática das profissões, graduando-as em nove níveis decrescentes: o filósofo, o bom rei, o político, o desportista, o adivinho, o poeta, o agricultor e o artesão, o demagogo e o tirano”.

Os romanos, que obtiveram de Atenas a ciência e a arte, revelam-se superiores na política e na guerra. A força de Roma estava na poderosa estrutura do seu império e na capacidade de unir os povos e culturas. Entretanto, mantinham igualmente, a estrutura “homens livres e escravos”, que eram encontrados em todos os lugares: nos campos, nas lojas, nas oficinas, nos escritórios e nas tarefas domésticas. Com a divisão do Império Romano nos diversos reinos medievais eram crescentes as mais variadas formas de trabalho independente. No centro do Império Romano predominava a escravidão, enquanto no restante do seu vasto território o solo era cultivado em feitorias organizadas: propriedades cuidadas por rendeiros, colonos ou assalariados, forma de trabalho, já consagrada no final do século IV (JAEGER, 2003).

Entretanto, somente por volta do século IX os escravos começaram a escassear. Mantê-los como escravos nos latifúndios tinha um custo mais elevado do que a sua subdivisão em pequenas propriedades confiadas aos colonos. Por outro lado, na passagem do baixo Império à Idade Média e o conseqüente enfraquecimento do poder central, ficava mais difícil manter o controle das grandes massas de escravos. Isto somado aos custos de vigilância e manutenção, fez com que os proprietários preferissem a libertação dos escravos e a sua transformação em servos das glebas, obrigados a se sustentar, assim serem mais fieis, mais produtivos e menos perigosos, pois estariam



mais dispersos no território. É a transformação dos escravos em camponeses ou artesãos (JAEGER, 2003).

Acrescenta-se ainda, conforme De Masi (2000), o valor da motivação, pois muitas incumbências de confiança somente poderiam ser confiadas a trabalhadores bem motivados para o seu dever, pois o escravo raramente gostava do seu trabalho a ponto de executá-lo com paixão.

Aristóteles (2011), na obra *Ética de Nicômaco*, classifica as atividades humanas em quatro categorias: o trabalho cansativo (*pónos*), os afazeres (*ascolía*), o jogo (*paidía*), o gosto cultivado (*skolé*). As três primeiras categorias são acessíveis a todos os homens. A quarta, entretanto, é uma forma superior de jogo e reservada apenas aos homens livres.

De acordo com De Masi (2000), entre os séculos X e XI d.C. predominava uma rígida classificação de classes e correspondentes trabalhos na sociedade feudal: a aristocracia, com o dever de combater para defender a comunidade; os clérigos e monges, com o dever de rezar; os camponeses, com o dever de trabalhar para criar riquezas e nutrir a comunidade inteira. O trabalho manual que nos gregos é relegado à última categoria social, é reavaliado, graças à regra monástica, e o trabalho mercantil prestes a ser resgatado, tendo em vista o papel crescente da riqueza e das finanças.

A partir de século VIII, a regra de Benedetto passa a ser a única a ser observada nos mosteiros do Império. As atividades práticas desprezadas pelos gregos, suportadas pelos hebreus, é resgatada pela regra beneditina que atribuía ao trabalho o duplo papel de garantir aos monges o sustento e de preservá-los da tentação. Os mosteiros partilhavam a mesma regra: *ora et labora* (reza e trabalha) (DE MASI, 2000).

Portanto, com o cristianismo o trabalho é resgatado e o ócio assume uma conotação negativa, reprovável. “A atividade manual herdada da Grécia como degradação servil, atinge os umbrais do Renascimento como sublime antídoto ao ócio, inimigo da alma” (DE MASI, 2000, p.99). Os mosteiros são transformados em centros difusores da civilização, pois os monges, ao lado da atividade espiritual, desenvolvem a música, cultivam a roça, criam o gado e meditam.

A Idade Média comportou uma dupla concentração de novas oportunidades para os homens livres: de um lado, os trabalhos servis foram elevados à dignidade de produção salvadora, graças à reavaliação do esforço manual operada pelo Evangelho e depois pelos monges; de outro lado, uma série de atividades ligadas ao desfrute do tempo e à dádiva do saber, consideradas prerrogativas divinas, foram conquistadas para o domínio dos homens. O humanismo é justamente a condição do novo homem que se prepara para o Renascimento por meio da apropriação do tempo e da ciência, antes pertencentes apenas a Deus. O mercado e a universidade são as novas instituições em que se realiza este salto épico. (DE MASI, 2000, p.100).

O trabalho, no início executado por metecos e escravos, na medida da composição de classes, passa a ser executado pelos donos das glebas, o que o caracteriza na sociedade pré-industrial como de uma relativa harmonia entre o campo e a cidade.

Dos autores consultados, não foram encontrados registros sobre direito à aposentadoria do trabalhador no período pré-industrial. Identificou-se que foi, no século XX, no final da Segunda Guerra Mundial, que a previdência social ganhou impulso no mundo inteiro. O princípio básico da segurança do grupo familiar e o seu bem-estar-social, quando cessada a capacidade produtiva do trabalhador, passou a receber a devida atenção da legislação a partir desse período.

Especificamente, no Brasil, a primeira legislação previdenciária se concretiza com a Proclamação da República em 1889. No entanto, as leis trabalhistas somente foram concretizadas na década de 1940, quando o então presidente da república Getúlio Vargas, regulamenta a jornada de trabalho de oito horas, semana de cinco dias, férias remuneradas, aposentadoria, assistência médica gratuita e educação pública, entre outros.

### **1.1.2 Aspectos históricos da aposentadoria no Brasil**

A história da aposentadoria no Brasil perpassa vários momentos até chegar àquela que conhecemos atualmente e, de certa forma, se confunde com a própria história do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), órgão governamental que atualmente reúne a unificação das instituições de previdência do país. Portanto, a história da aposentadoria acompanha a história desde o Brasil Império. A primeira legislação específica sobre Direito Previdenciário é de 1888 que regulamentou o direito à aposentadoria dos empregados dos correios e criou a Caixa de Socorros dos trabalhadores das estradas de ferro do Império (PACHECO & CARLOS, 2006).

De acordo com o Instituto Prudentópolis Previdência (2014), a aposentadoria aos funcionários públicos, em caso de invalidez no serviço da Nação, foi criada pela Constituição Republicana de 1889. No ano de 1892 foi instituída a aposentadoria por invalidez e pensão por morte dos operários do Arsenal da Marinha. Em 1919, um decreto legislativo instituiu o seguro por acidente de trabalho. No entanto, essas previsões legais eram esparsas e somente em 1923, o Decreto Legislativo nº 4.682, mais conhecido como Lei Elói Chaves, promoveu um marco para o desenvolvimento da Previdência Social do país.

Essa normativa determinou a criação de Caixas de Aposentadoria e Pensões (CAPs) que favoreciam os empregados das empresas ferroviárias. A partir dessa Lei várias modificações se estabeleceram, buscando ampliar a abrangência dos trabalhadores beneficiados pela legislação

estatal, especialmente no período que vai até 1934, ano da nova Constituição Federal (PACHECO & CARLOS, 2006; INSTITUTO PRUDENTÓPOLIS PREVIDÊNCIA, 2014).

Posterior a isso, em 1960, foi instituída a Lei Orgânica de Previdência Social (LOPS). Em seu Art. 1º consta que a previdência social do país tem por objetivo assegurar aos seus beneficiários “os meios indispensáveis de manutenção, por motivo de idade avançada, incapacidade, tempo de serviço, prisão ou morte daqueles de quem dependiam economicamente, bem como a prestação de serviços que visem à proteção de sua saúde e concorram para o seu bem-estar” (BRASIL, 1960).

A Constituição Federal de 1988, denominada Constituição Cidadã, foi a que instituiu uma série de mudanças no sistema previdenciário brasileiro. Como resultado dessas reformas, os gastos com aposentadoria aumentaram consideravelmente na década de 1990, principalmente pelo aumento no número de beneficiados. Além disso, a Constituição de 1988, foi a que adotou um princípio mais amplo de amparo aos cidadãos que foi chamado de Seguridade Social, composta pelo tripé: previdência, saúde e assistência social (BRASIL, 1988).

Os preceitos constitucionais sobre a aposentadoria, previstos em 1988, estão regulamentados na Lei nº 8.212, que em seu Art. 3º determina que a Previdência Social tem por fim assegurar aos seus beneficiários meios indispensáveis de manutenção, por motivo de incapacidade, idade avançada, tempo de serviço, desemprego involuntário, encargos de família e reclusão ou morte daqueles de quem dependiam economicamente (BRASIL, 1991).

A partir disso, pode-se perceber que a aposentadoria está inserida como sendo um benefício contínuo, privativo e satisfazendo as exigências de quem os utiliza. Essa Constituição que beneficia o cidadão, ao longo dos anos vem sofrendo modificações; a última foi realizada em 1999, que teve por objetivo manter o incentivo à permanência em atividade do trabalhador, ou seja, a aposentadoria começou a considerar a idade e o tempo de contribuição. Quanto mais jovens e com menos tempo de contribuição, menor será o valor recebido; quanto mais velho e maior o tempo de contribuição, maior será o valor da aposentadoria (PACHECO & CARLOS, 2006; SANTOS, 1990).

Em síntese, pela atual legislação brasileira, o trabalhador faz jus ao direito de aposentadoria ao atingir a idade de 65 anos para os homens e 60 anos, para as mulheres. Essa condição está vinculada a variáveis como, tempo de contribuição à Previdência Social, periculosidade do ambiente de trabalho, entre outras que afetam o valor a ser percebido pelo aposentado.

Diante desse quadro, o valor a ser usufruído na aposentadoria vai depender das variáveis acima citadas, da maneira como cada cidadão construiu a sua carreira profissional e consequente estrutura econômico-financeira para vivenciar essa nova fase em sua vida. Tais fatores serão determinantes para atingir o equilíbrio social e emocional necessários para uma vida saudável sem acarretar uma transformação profunda no seu nível da identidade.

Outro fato que merece destaque foi a promulgação da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que criou o Estatuto do Idoso destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos (BRASIL, 2003). Destaca-se que, entre os direitos assegurados aos idosos, está o do exercício da atividade profissional, respeitadas as suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.

## **1.2 Aspectos sócios psicológicos da atitude perante o trabalho**

Para fundamentar o estudo do ponto de vista social buscaram-se autores que discutem o sentido do trabalho para pessoas que estão em idade mais avançada. Também estão descritos aspectos relacionados aos conhecimentos e às contribuições da psicologia, especialmente a teoria de Maslow sobre a pirâmide das necessidades e o desenvolvimento psicossocial, descrito por Erikson.

### **1.2.1 O sentido do trabalho para o idoso e a sociedade**

A população brasileira atualmente vem sofrendo sensíveis alterações na estrutura etária no decorrer das décadas. Isso acontece porque o idoso vem apresentando uma melhor qualidade de vida e conseqüentemente há um relativo aumento no total da população. Pode-se dizer que as sociedades ricas, de primeiro mundo, encaram a terceira idade de maneira bastante prática e objetiva. O idoso recebe nessas sociedades todos os seus direitos e têm bem nítidos os seus limites, sendo que, em determinados países, há clara tendência em aproveitá-lo inclusive profissionalmente. Infelizmente sociedades pobres como a nossa, tendem a isolar o idoso, não sendo rara a ideia de considerá-lo inútil, um verdadeiro peso morto. A exagerada valorização da juventude, tão própria da sociedade moderna, contribui muito para piorar o conceito de terceira idade (PEIXOTO, 2000).

O trabalho tornou-se uma categoria central nas relações entre os indivíduos e a sociedade. Esse é um elemento-chave na constituição da identidade social, assumindo significações que vão além da simples venda da força de trabalho por salário. O plano de vida idealizado, a visibilidade, o reconhecimento social, a inserção em grupos, o acesso a direitos sociais e ao consumo envolvem o sentido de autorrealização dos sujeitos (ANTUNES, 2006).

Para o mesmo autor, o mercado de trabalho mostra-se preconceituoso, o que limita à ocupação de determinados cargos e obriga o idoso a conviver com o problema de recolocação e inserção no mercado. A tendência de valorizar o jovem e discriminar o velho, ao considerá-lo como um trabalhador que já se tornou improdutivo e obsoleto, coage muitos destes sujeitos aposentados ou apenas desempregados a esquadrihar formas alternativas de complementação de renda. Os idosos buscam a garantia de recursos em planos de saúde, medicação gratuita e outras formas de

sobrevivência e, em muitas situações, até mesmo para o sustento de sua família. Isto porque o benefício da aposentadoria auferida não contempla, na maioria dos casos, a conservação do padrão mínimo de sobrevivência. Cabe lembrar que, na ótica econômica, esses indivíduos são admitidos como contributivos, sendo, numa esfera social, colaboradores na realização de trabalhos indiretos, participando desta feita do contexto social.

De Masi (2000) em sua obra sobre *O Ócio Criativo*, explica que “sempre consideramos o trabalho como uma atividade física, cansativa e desagradável, que desejamos que acabasse o quanto antes. Esta é também a definição de cansaço, esforço ou fadiga” (p.229). No entanto, o autor adverte que é preciso buscar a motivação porque quando uma pessoa está motivada ela deseja que algo continue. Assim, o trabalho pode ser um prazer, principalmente se for “intelectual, inteligente e livre” (p.230). O trabalho intelectual pode ser tão agradável a ponto de não se perceber o esgotamento porque não há um desligamento espontâneo. Isto não ocorre com o trabalho físico, possivelmente porque ele requer uma preparação muito menor. O autor conclui que, na atualidade, a aventura de buscar um trabalho terá maior probabilidade de sucesso, quanto mais conhecimento o candidato tiver e quanto mais ele for capaz de oferecer serviços de tipo intelectual, científico ou artístico. Isto mostra a valorização do saber pensar e que, o esforço mental, quando criativo exige amor e dedicação. A pessoa deve sentir-se atraída a realizá-lo, pois só pode ser feito por prazer criativo e não por vigilância de um patrão.

Os aspectos apontados por De Masi (2000) estão relacionados também à continuidade do trabalho na idade em que as pessoas já atingiram o tempo regulamentar de aposentadoria. A partir destes novos horizontes de ambiente laboral e constituição de renda, um novo olhar começa a dominar o consciente coletivo. Com a implementação do Estatuto do Idoso e da divulgação dos direitos e benefícios amparados por ele, uma nova forma de tratamento se inaugurou e, a cada dia, vai ganhando espaço na prática do que concerne à velhice, deixando por derradeiro a significação de idoso como representação de dependência, saúde frágil e ociosidade. Isso porque o idoso pode contribuir com suas experiências diversificadas e adquiridas em anos de vivência e de trabalho. Indivíduos saudáveis na dita terceira idade ainda podem exercer atividades profissionais por apresentarem capacidade física e intelectual e por possuírem conhecimentos e experiências acumulados (ANTUNES, 2006).

Assim, o envelhecimento é considerado um processo corporal irreversível que se inscreve no tempo, ou seja, é um processo natural que caracteriza uma etapa da vida do homem e dá-se por mudanças físicas, psicológicas e sociais que acometem de forma particular cada indivíduo com sobrevida prolongada. É uma fase em que, ponderando sobre a própria existência, o indivíduo idoso

conclui que alcançou muitos objetivos, mas também sofreu muitas perdas, das quais a saúde destaca-se como um dos aspectos mais afetados (MESSY, 1999).

Dessa forma, após o fim da vida profissional, muitas pessoas acabam por não se engajar em outras atividades cotidianas e assim sentem falta do reconhecimento social, referência na profissão, os compromissos, os horários, ou seja, de sentir-se útil novamente. É por isso que a aposentadoria é um período de reestruturação da atividade e de valores, pois é nesse momento que a família e amigos evidenciam a importância desse indivíduo. É comum nesta fase as pessoas darem-se conta que sua vida pessoal foi deixada de lado, pois, normalmente, os trabalhadores são tão absorvidos pelo ambiente de trabalho que acabam deixando suas famílias e amigos. Com isso, percebe-se que o momento da aposentadoria pode ser um período de reflexão e retomada dos vínculos familiares e afetivos (ROMANINI; XAVIER & KOVALESKI, 2004).

Na aposentadoria ocorre a perda de identidade profissional, devido ao término da atividade de trabalho. A grande maioria das pessoas não aceita o término da atividade de produção e pode causar um estado de solidão e até mesmo de depressão (ROMANINI; XAVIER & KOVALESKI, 2004). Em algumas sociedades a velhice é sinônimo de prestígio, sabedoria e experiência levando o indivíduo a manter um papel ativo no grupo social (SANTOS, 1990).

Nesse ínterim, destaca-se que a falta de compreensão do conjunto de fatores que compõem o dia-a-dia do idoso pode gerar a discriminação social por idade, fundamentada em questões econômicas, considerando-o como membro menos capaz e improdutivo da sociedade, faz com que os idosos passem a valer menos em trocas sociais e assim não têm os mesmos recursos garantidos aos jovens e adultos capazes e produtores de bens. Isso pode acarretar prejuízos, tanto de ordem social, como psicológico nessas pessoas (NERI, 2007).

Algumas teorias sociais, em meados do século XX, buscaram explicar as relações do indivíduo envelhecido com a sociedade industrial, isso porque a aposentadoria pode ser entendida como a porta de entrada para a velhice, coincidindo, quase sempre, com a chamada terceira idade. Há duas teorias sociais que ajudam a explicar essa relação do idoso com o trabalho: a *teoria do desengajamento* e a *teoria da modernização*.

A *teoria do desengajamento* postula o afastamento do velho do mundo produtivo, possibilitando à sociedade abrir um espaço para os jovens, pois esses são mais ágeis, mais eficientes e concede ao idoso maior tempo para a preparação da finalização do seu ciclo de vida (PACHECO & CARLOS, 2006).

Esta teoria tenta explicar o processo de envelhecimento entendendo que os idosos, ao procuraram manter-se ativos, sofreram um conflito íntimo, pois o desejo de expansão do espaço vital é contraditório com o fim da vida. Entende que o idoso desejaria certas formas de isolamento,

a redução de contatos sociais (desvinculação), e que, ao fazê-lo, se sentiria feliz e satisfeito, com um maior bem-estar. Essa desvinculação ou desengajamento dar-se-ia por vontade do indivíduo e seria um processo inevitável. Esse afastamento ocorreria também pela via da sociedade, que liberaria o idoso de seus papéis sociais e suas obrigações. Um aspecto positivo que a teoria percebe é que o idoso, ao se desvincular, teria um período de maior liberdade, não tendo de acatar determinadas normas sociais (LEHR, 1980).

A segunda teoria, a *modernização*, tem por objetivo explicar a relação das sociedades industrializadas do mundo capitalista ocidental com seus idosos (PACHECO & CARLOS, 2006). Segundo os mesmos autores, essas duas teorias, atualmente, ainda influenciam e explicam o pensamento de grande parte da sociedade que continua vendo os velhos como um estorvo quando estes tentam manter suas competências profissionais. Nesse contexto, os aposentados, sem terem consciência do que se passa socialmente com eles, sem terem tido oportunidade de se preparar para se dedicar a outras atividades, sem o trabalho a que se dedicaram durante longos anos de suas vidas, quase sempre desenvolvem sintomas depressivos em face das dificuldades de refazer seus projetos de vida de uma maneira produtiva e socialmente útil.

Existem vários fatores que podem dificultar uma velhice tranquila ou uma aposentadoria. Por isso, pode-se dizer que a implantação de medidas que visam à preparação para essa etapa da vida é muito importante. Nesse momento da vida, o idoso pode apresentar algumas características como: o sentimento de menos valia que fere a autoimagem do aposentado e coloca-o em uma posição inferior aos outros cidadãos; o rompimento abrupto das diversas relações sociais; perda do poder aquisitivo, que limita ainda mais a utilização criativa desse tempo útil acentuando; falta de atividades alternativas desenvolvidas ao longo da vida e falta de preparação familiar para receber em tempo integral aquele ou aquela que por muitas décadas esteve ausente em grande parte do dia, na busca da manutenção da família. Nesse ínterim, é necessário buscar alternativas, tanto através da família, como de profissionais capacitados para auxiliar nessa problemática com o objetivo de promover uma melhoria para bem-estar, o resgate da dignidade e a ampliação de sua consciência como sujeito socialmente reconhecido (PACHECO & CARLOS, 2006).

Para ajudar na saúde integral do idoso é necessário buscar estratégias de enfrentamento para essa etapa da vida. Entre as ações podemos citar: a compreensão do motivo dos aposentados serem desvalorizados na sociedade; incentivar a ampliação das redes sociais fora do âmbito do trabalho; incentivar a continuação dos estudos; buscar com os adultos que já pensam em suas aposentadorias uma forma de poupança complementar para enfrentar uma possível perda salarial futura; prever outra atividade que possa suplementar a renda após a aposentadoria e, por último, promover uma retirada paulatina das atividades rotineiras, por meio da redução gradual da carga horária. Nesses

casos faz-se necessário um cuidado para não repetir o mesmo erro de não voltar-se totalmente para o trabalho assalariado que repetirá tudo que se viveu no trabalho anterior, sem chances de construir outra relação com a vida (PACHECO & CARLOS, 2006).

Figueiredo (2005) afirma que uma estratégia para o entendimento da aposentadoria pode ser o trabalho voluntário como rompimento de estereótipo de improdutividade social. Entretanto, muitas vezes, as organizações percebem o aposentado com esse estereótipo, ou seja, veem como excluído, e dessa forma, demonstram preconceito frente à idade.

A sociedade brasileira ainda não teve tempo de se adaptar às grandes mudanças ocorridas no campo da aposentadoria e o idoso ainda está longe de se sentir integrado a tais mudanças. Sem dúvida, a sociedade que exclui seus idosos oferece poucas oportunidades às novas gerações de construir relações saudáveis com a própria velhice e prejudicam a continuidade cultural (NERI, 2007). Assim, os aspectos culturais estão relacionados com a construção das identidades sociais, que é um campo rico e vasto de possibilidades de desvendamento de significados criados pela nossa sociedade para explicar o que é, ou quem é o velho. Dessa forma, pode-se dizer, que a identidade do eu é construída pela oposição à identidade do outro, isso porque, a identidade do idoso se constrói pela contraposição à identidade do jovem e se tem também a contraposição das qualidades (MERCADANTE, 1996).

Do ponto de vista da psicologia moderna, dois autores apresentam contribuições importantes para se entender o desenvolvimento humano e as necessidades a ele relacionadas. Tratam-se dos trabalhos de Abraham E. Maslow, com pirâmide das necessidades e Erikson com o desenvolvimento psicossocial. Somam-se a esses trabalhos as contribuições de autores contemporâneos que escrevem sobre os temas mencionados.

### **1.2.2 Necessidades básicas do ser humano**

Abraham Maslow sugeriu que muito do comportamento do ser humano pode ser explicado pelas suas necessidades e pelos seus desejos. Quando uma necessidade, em particular se torna ativa, ela pode ser considerada um estímulo à ação e uma impulsionadora das atividades do indivíduo. Essa necessidade determina o que passa a ser importante para o indivíduo e molda o seu comportamento como tal. Assim, nessa teoria as necessidades se constituem em fontes de motivação (ROTHMAN & COOPER, 2009).

Dessa forma, Maslow explica o comportamento humano através de cinco níveis de necessidades inatas que ativam e direcionam as capacidades comportamentais do ser humano. Essas necessidades são dispostas em ordem hierárquica, desde as mais primárias e imaturas (tendo em



vista o tipo de comportamento que estimulam) até as mais civilizadas e maduras. Na base da pirâmide, encontra-se o grupo de necessidades que Maslow considera ser o mais básico e reflexivo dos interesses fisiológicos e de sobrevivência. Assim, uma pessoa dominada por tal necessidade tende a perceber apenas os estímulos que visam satisfazê-las, sua visão de futuro fica limitada e determinada por tal necessidade (HOWARD & MIRIAM, 2004).

Para os mesmos autores o segundo nível da hierarquia é constituído por uma série de necessidades de segurança. Essa necessidade é considerada um motivador ativo e dominante caso encontre-se em momentos de urgência. Elas têm grande importância na vida organizacional, pois, as pessoas tem uma relação de dependência com a organização e onde as ações gerenciais arbitrarias ou as decisões inconsistentes e incoerentes podem provocar incerteza ou insegurança nas pessoas quanto a sua permanência no trabalho.

Depois que as necessidades fisiológicas e de segurança são atendidas, a terceira camada da pirâmide de Maslow inclui as necessidades de afiliação e de amor, que se referem às necessidades do indivíduo em termos sociais. Essas incluem aspectos que envolvem relacionamentos baseados na emoção, pois os seres humanos precisam sentir-se aceitos e fazendo parte de algo. A ausência destes elementos torna as pessoas suscetíveis à solidão, à ansiedade e à depressão. Muitas vezes, a necessidade desses elementos pode, através da pressão dos pares, sobrepor às necessidades psicológicas e de segurança (ROTHMAN & COOPER, 2009).

A quarta escala de necessidades é o da estima. Neste ponto, as necessidades de destaque, proeminência, reconhecimento e admiração por parte do grupo são manifestadas por ações que buscam diferenciar as pessoas. Observa-se que neste caso, não é apenas a busca de uma aceitação de um grupo e sim do reconhecimento pessoal, da sua contribuição e importância. Quando não se consegue atingir esta necessidade, aparece a baixa estima e o complexo de inferioridade. Embora as necessidades de estima sejam difíceis de serem superadas, dada sua dependência à receptividade de terceiros, Maslow sugere que em alguns casos elas podem ser adequadamente satisfeitas, liberando assim os indivíduos para atingir o nível mais alto da hierarquia. Quando isto ocorre, as necessidades de maximizar as potencialidades e de testar a própria capacidade farão com que as ações do indivíduo sejam dirigidas em busca do vencer. Este é o nível das necessidades mais maduras e construtivas da hierarquia de Maslow, conhecidas como necessidades de autorrealização (HOWARD & MIRIAM, 2004).

O conceito de necessidade desenvolvido por Maslow pressupõe a motivação como algo pertencente ao mundo interno da pessoa. Entretanto, há de se considerar que a motivação se articula ao mundo exterior, onde se encontram os objetos de satisfação dos desejos. Também é mediada pela consciência (de si e do outro) e pelas relações sociais e de trabalho, ou seja, não é possível falar em

gratificação sem considerar a inserção e o relacionamento humano no mundo social. Maslow tece considerações sobre o envolvimento das pessoas com o próprio trabalho, especialmente aquelas que considera autorrealizadas (ROTHMAN & COOPER, 2009).

Necessidades de autorrealização expressam o mais alto nível das necessidades estando diretamente relacionadas à realização integral do indivíduo. Neste grupo de pessoas estão as necessidades de utilização plena das potencialidades, de capacidade e da existência de ideologias. São necessidades de crescimento revelando uma tendência de todo ser humano para realizar plenamente o seu potencial. Essa tendência pode ser expressa como o desejo de a pessoa tornar-se sempre mais do que é e de vir a ser tudo o que pode ser (HOWARD & MIRIAM, 2004).

A satisfação no trabalho é um fenômeno amplamente estudado e esse interesse decorre da influência que a mesma pode exercer sobre o trabalhador. Afeta a sua saúde física e mental, as atitudes e comportamento profissional, com repercussões na vida pessoal, familiar e social do indivíduo. Assim, o modelo teórico de Maslow é importante para compreender e explicar o comportamento das pessoas em situação de trabalho, especialmente em termos de satisfação, enfatizando a tendência humana de progredir e ultrapassar os respectivos níveis da escala hierárquica. De acordo com esta teoria, pode-se inferir que o trabalho tem papel importante para os indivíduos na medida em que os aspectos psicossociais desse favoreçam ou dificultem a satisfação das necessidades humanas. A hierarquia entre as necessidades está ligada às características do ser humano, independente do sistema de produção. Este sistema precisa satisfazê-las, sob pena de criar/ampliar a pressão por parte dos sujeitos envolvidos (ROTHMAN & COOPER, 2009).

Nas proposições de Maslow (2003), os indivíduos “altamente evoluídos assimilam o trabalho dentro da própria identidade, isto é, o trabalho se torna parte efetiva de seu próprio Eu, parte da definição que ele tem sobre si mesmo” (p. 7). Complementa afirmando que trabalhar pode ser psicoterápico e psicológico, isto é, fazendo pessoas saudáveis crescerem em direção à autorrealização.

As cinco categorias de metas a serem alcançadas, descritas por Maslow, como fisiológicas, de segurança, amor, estima e auto-realização, são relacionadas entre si, por ordem de predominância. Na perspectiva do sentido do trabalho, tem-se que, quando uma categoria de necessidade é satisfeita, a próxima necessidade preponderante passa a dominar a vida consciente e servir como centro de organização do comportamento.

Portanto, a atitude dos indivíduos perante o trabalho assume postura também diversa de sentido, conforme a sua situação nas cinco categorias identificadas pelo autor. As pessoas que tenham razoavelmente satisfeitas as suas necessidades de segurança, aceitação, afeição, dignidade e liberdade para desenvolver suas potencialidades pessoais, não serão mais motivadas por

necessidades básicas, mas por “metamotivos que vêm a ser essencialmente os valores intrínsecos, as verdades eternas, os valores do Ser” (MASLOW, 2003, p.10).

Os fatores motivacionais, que correspondem às necessidades do ser humano estão ao nível das recompensas intrínsecas que as pessoas esperam do trabalho - autonomia, maior responsabilização e novos desafios, requalificação profissional, novas aprendizagens e desenvolvimento de competências, estímulo à participação e partilha de objetivos. Dessa forma, os trabalhadores sentem-se úteis, necessários e valorizados no local de trabalho, o que resulta em níveis elevados de motivação e de satisfação. Esses aspectos tem relação com o desenvolvimento psicossocial descrito por Erikson, conforme é apresentado na seção a seguir.

### **1.2.3 O desenvolvimento psicossocial**

Na teoria Psicossocial do Desenvolvimento, Erikson enfatiza que as crianças são exploradores ativos e curiosos que buscam adaptar-se a seu ambiente, em vez de escravos passivos de pulsões biológicas moldadas por seus pais. Erikson criou alguns estágios, que chamou de psicossociais, onde descreveu as crises pelas quais o ego passa ao longo do ciclo vital. Estas crises seriam estruturadas de forma que, ao superá-las, o sujeito sairia com um ego mais fortalecido ou mais frágil, de acordo com sua vivência do conflito. E, cada final de crise influenciaria diretamente o próximo estágio, de forma que o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo estariam completamente imbricados no seu contexto social, palco destas crises (ERIKSON, 1998).

Erikson propõe uma concepção de desenvolvimento em oito estágios psicossociais, que perpassam oito idades, desde o nascimento até à morte. As quatro primeiras pertencem ao período de bebê e de infância, e as três últimas, aos anos adultos e à velhice. Cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma negativa. Erikson dá especial importância ao período da adolescência, devido ao fato ser a transição entre a infância e a idade adulta, em que se verificam acontecimentos relevantes para a personalidade adulta. Assim, a adolescência se caracteriza pela transição do estágio infantil para o adulto de inúmeras funções, como na capacidade intelectual e de interesses (SHAFFER, 2005; FERREIRA, 2005).

O núcleo de cada estágio se caracteriza por uma crise básica proeminente que existe não só durante aquele estágio específico, mas também nos posteriores em nível de consequências, tendo raízes prévias nos anteriores. A formação da identidade inicia-se nos primeiros estágios e, o senso desta, negociado na adolescência, evolui e influencia os últimos três estágios. Erikson perspectivava o desenvolvimento humano tendo em conta aspectos de cunho biológico, individual e social. A teoria psicossocial em análise, enfatiza os conceitos de identidade e de crise. A primeira se forma no

quinto estágio, o da adolescência. Já a crise, está presente em todas as idades e não possui um sentido dramático e a forma como é resolvida, é determinante para solucionar os conflitos na vida futura (ERIKSON, 1998).

Durante o primeiro ano de vida a criança é substancialmente dependente das pessoas que cuidam dela, requerendo cuidado quanto à alimentação, higiene, locomoção, aprendizado de palavras e seus significados, bem como estimulação para perceber que existe um mundo em movimento ao seu redor. O amadurecimento ocorrerá de forma equilibrada se a criança sentir que tem segurança e afeto, adquirindo confiança nas pessoas e no mundo. Esse estágio psicossocial é denominado de *confiança versus desconfiança*. O segundo estágio é chamado de *autonomia versus vergonha e dúvida*. Nesse período a criança passa a ter controle de suas necessidades fisiológicas e responder por sua higiene pessoal, o que dá a ela grande autonomia, confiança e liberdade para tentar novas coisas sem medo de errar. Se, no entanto, for criticada ou ridicularizada desenvolverá vergonha e dúvida quanto a sua capacidade de ser autônoma, provocando uma volta ao estágio anterior, ou seja, a dependência (SHAFFER, 2005).

Segundo o mesmo autor, o terceiro estágio é o da *iniciativa versus a culpa*. Durante este período a criança passa a perceber as diferenças sexuais, os papéis desempenhados por mulheres e homens na sua cultura entendendo de forma diferente o mundo que a cerca. Se a sua curiosidade sexual e intelectual, natural, for reprimida e castigada, poderá desenvolver sentimento de culpa e diminuir sua iniciativa de explorar novas situações ou de buscar novos conhecimentos. Já o quarto estágio é denominado *construtividade versus inferioridade*, quando, nesse momento a criança está sendo alfabetizada e frequentando a escola, propicia o convívio com pessoas que não são seus familiares, o que exigirá maior sociabilização, trabalho em conjunto, cooperatividade, e outras habilidades necessárias. Caso tenha dificuldades o próprio grupo irá criticá-la, passando a viver a inferioridade em vez da construtividade.

O quinto estágio ganha contornos diferentes devido à crise psicossocial que nele acontece, ou seja, *identidade versus confusão de papéis*. Neste contexto o termo crise não possui uma acepção dramática, por tratar-se de algo pontual e localizado com pólos positivos e negativos. Em seguida o adolescente está no estágio da *intimidade versus do isolamento*, que se pode perceber que é o momento no qual o interesse, além de profissional, gravita em torno da construção de relações profundas e duradouras, podendo vivenciar momentos de grande intimidade e entrega afetiva. Caso ocorra uma decepção, a tendência será o isolamento temporário ou duradouro (ERIKSON, 1998).

No sétimo estágio pode aparecer uma dedicação à sociedade a sua volta e realização de valiosas contribuições, ou grande preocupação com o conforto físico e material, sendo denominado *produtividade versus estagnação*. Por último, Erikson coloca o estágio *da integridade versus a*

*desesperança*. Se o envelhecimento ocorre com sentimento de produtividade e valorização do que foi vivido, sem arrependimentos e lamentações sobre oportunidades perdidas ou erros cometidos, haverá integridade e ganhos, do contrário, um sentimento de tempo perdido e a impossibilidade de começar de novo trará tristeza e desesperança (ERIKSON, 1998).

Dessa forma, a pessoa se vê diante de uma escolha entre dois modos de lidar com a crise, um modo adaptativo e um modo não adaptativo. Somente quando a crise de cada estágio é resolvida, tendo a personalidade, se modificado, a pessoa tem força suficiente para enfrentar o próximo estágio do desenvolvimento (SHAFFER, 2005).

Assim, a teoria psicossocial apresenta aspectos relevantes para a compreensão integral do ser humano assentada numa visão social do tema. No entanto, uma abordagem diferenciada que estabelece o nexo ontológico entre existência e o Ser é encontrada na escola Ontopsicológica.

### **1.3 O sentido do trabalho na visão humanista**

Parte-se de um resgate histórico para apresentar o sentido humanista do trabalho. O humanismo tem sua origem em um movimento laico que ocorreu, aproximadamente, no período de 1.300 a 1.450. Esse movimento, é baseado no indivíduo como pessoa, que se identifica com as leis da natureza e com o reconhecimento da sociedade. Na visão humanista, o homem, em si e por si, com sua inteligência, agindo contemporaneamente, é capaz da própria realização. Os humanistas criaram, formalizaram, identificaram e especificaram a visão do *homem pelo homem* (MENEGETTI, 2010).

De acordo com Meneghetti (2010), no humanismo clássico, Pelagio sustentava que o homem é capaz da própria realização. Contrariando os princípios religiosos de sua época, afirmava que o ser humano é capaz de desenvolver-se e autorrealizar-se sem a intervenção ou a gratuidade de uma ordem divina. Pelagio introduziu o conceito de que o homem é capaz de operar o bem.

Para os humanistas, a ação do homem deve estar alicerçada em quatro valores principais:

- a) *Vida ativa*: o homem deve manter-se em atividade, realizando a sua vida no trabalho, operando concretamente ações que estejam em conformidade com a sua natureza.
- b) *Sociabilidade*: o homem é parte de uma sociedade, deve fazer evolução junto a outros e empenhar-se para fazê-lo com dignidade.
- c) *Liberdade*: valor fundamental, direito de dispor e agir de acordo com os interesses da sua coletividade e não pelo domínio de grupos com outros objetivos.
- d) *Dignidade*: a dignidade é colocada como o valor que fundamenta os demais. Dever de respeito, sacralidade, transcendência, superioridade de qualquer homem frente a outro homem. Este

resulta grande pela sua realização, pelo que faz e não pelo que pensa. No seu agir, pelo trabalho, cria continuamente uma nova realidade para si e para a sociedade. O sentido do trabalho na cultura humanista está alicerçado nos valores intrínsecos de uma autonomia operativa para desenvolver-se individualmente, com base na virtude do saber, construir e criar (MENEGHETTI, 2010).

Segundo este mesmo autor, o trabalho tem sentido quando realizado de acordo com o projeto de natureza. Esta é a regra básica para a eficiência de inteligência, a realização, a plena felicidade interior e na construção de si mesmo, como homem integral. Essa compreensão do trabalho sinaliza o que a ciência ontopsicológica delinea e define como o nexo ontológico entre todas as ciências.

### 1.3.1 Concepção ontológica do trabalho

Diversos campos do conhecimento, a partir de diferentes vertentes epistemológicas, demonstram como o trabalho ocupa um lugar central da vida do ser humano.

Os estudos da formação do homem grego encontra-se a descrição do valor do trabalho, como fonte de cultura, na obra de Hesíodo, “Os Trabalhos e os Dias”. O sentido do trabalho, como ordem natural da existência e dela recebendo as leis que o regem, é celebrado como o único caminho, ainda que difícil, para alcançar a *Arete* (virtude). O conceito envolve, simultaneamente, a habilidade pessoal e o que dela deriva – bem-estar, êxito, consideração (JAEGER, 2003).

O trabalho faz parte da formação do ser humano e, através dele o indivíduo pode resgatar o sentido da vida. É pelo trabalho que o homem, como ser social, passa da condição de sua origem natural baseada nos instintos para uma produção e reprodução como gênero humano.

Na concepção de Marx (2003), o trabalho, que é a capacidade de transformar a natureza para atender às necessidades humanas, assume um caráter, uma característica que o diferencia daquele realizado instintivamente pelos animais. Ele afirma, “o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador” (p. 211). Em outras palavras, trata-se aqui do uso da racionalidade aplica no que hoje pode ser denominado planejamento. Na perspectiva do materialismo histórico-dialético do autor, o homem faz a prévia ideação do que quer obter, ou seja, o trabalho é a realização de uma posição teleológica (de telos, finalidade).

De acordo com Morin (2001), para que um trabalho tenha sentido deve ser realizado de forma eficiente e levar a um resultado, ou seja, os objetivos devem ser claros e os resultados devem ter valor aos olhos de quem o realiza; deve permitir a realização de suas competências – “parece relevante que o trabalhador tenha a oportunidade de testar suas capacidades, com o objetivo de estimular suas necessidades de crescimento pessoal e seu senso de responsabilidade” (p. 18).

Antunes (1999) apresenta uma concepção complementar à perspectiva ontológico-humanística. Esse autor fundamenta seus argumentos no filósofo húngaro Lukács<sup>1</sup>, para quem o trabalho tem em sua natureza ontológica, um caráter transitório; faz a inter-relação entre o homem (sociedade) e a natureza. Por meio do trabalho há uma mudança no interior do ser material, ocasionando o nascimento de uma nova objetividade. Dessa forma, o trabalho torna-se protoforma<sup>2</sup> de toda a práxis social, sua forma originária desde que o ser se constituiu.

O autor identifica três esferas ontológicas – inorgânica, orgânica e social – onde há, necessariamente, uma articulação entre as mesmas que só pode ser compreendida pelo momento predominante. De forma genérica, é o salto ontológico que passa pela centralidade do trabalho (protoforma do agir humano), pela categoria de prévia-ideação como passo fundamental para a execução do processo do trabalho, chegando à exteriorização e à necessidade do conhecimento das leis do ser inorgânico e orgânico para que os objetivos do processo de trabalho possam ser alcançados.

Por meio do trabalho e da contínua realização de necessidades, a consciência humana deixa de ser mera adaptação ao meio ambiente; faz a mediação entre a esfera das necessidades e a sua realização. Como resultado tem-se o comportamento consciente que é diverso da mera espontaneidade do instinto biológico o qual, embora se distancie (de forma relativa) da natureza imediata, não anula a sua origem ontológica em relação ao trabalho consciente.

Lukács, citado por Antunes (1999), menciona que “o trabalho não é um mero ato decisório, mas um processo de uma contínua cadeia temporal que busca sempre novas alternativas” (p.138). A natureza humana é também metamorfoseada a partir do processo laborativo. As proposições desse autor acentuam que o processo do trabalho assume a gênese ontológica da liberdade, porque, simultaneamente, ao transformar a natureza, o próprio ser que trabalha se autotransforma. O homem busca atingir um controle de si mesmo, base para a conquista da liberdade.

O trabalho é o elemento mediador entre as necessidades e a sua realização. Nesta relação metabólica (do ser social e a natureza) o trabalho é o produtor de valores de uso. Na base da práxis social, em sentido genérico e abstrato, por meio do ato laborativo, objetos naturais são transformados em utensílios, ferramentas, instrumentos úteis. Nas formas mais desenvolvidas da práxis social, onde, paralelamente à relação homem natureza, desenvolvem-se inter-relações com

---

<sup>1</sup> Antunes (1999) utiliza a obra inconclusa de Lukács (1980), “Ontologia do ser social”.

<sup>2</sup> O Dicionário grego-português e português-grego define “protoforma”: do Grego ( πρῶτος) prótos, primeiro, o mais primitivo; do Latim , forma, fôrma, molde. (PEREIRA, 1976).

outros seres sociais com vistas à produção de valores de uso, tem-se a práxis social interativa, cujo objetivo é convencer outros seres sociais a realizar determinado ato teleológico (ANTUNES, 1999).

Conforme apontado por Lukács, apud Antunes (1999), o sujeito é inserido nas relações sociais. As decisões individuais ocorrem dentro das relações sociais e acionam outras tantas relações dos mais variados tipos.

### **1.3.2 O sentido do trabalho como ordem de natureza**

O significado da expressão *labor, laboris* derivada do latim e representa o esforço, a fadiga e o empenho que é empregado para poder efetuar uma *opus, operis*, que é a obra do operador. A análise etimológica indica que todo o trabalho envolve a ação do operador. Portanto, o esforço que ele emprega, necessariamente, vai resultar num efeito externo e num benefício de aperfeiçoamento próprio. A obra deriva da competência do operador, daí decorre que a tarefa primordial é aperfeiçoar a sua competência para que tudo retorne em benefício de sua pessoa (VIDOR, 2014).

Para Tomaz de Aquino (VIDOR, 2014) o valor da existência do homem depende de uma “operosa tarefa de construir a si mesmo”. Isto porque a natureza humana é dada pela vida, porém, o crescimento e o aperfeiçoamento é obra de trabalho pessoal. Esta tarefa envolve gradual responsabilidade de agir e realizar o que cada um necessita para prover a própria existência, mediante empenho e trabalho. “As exigências da própria vida apelam para fazer a terra produzir o útil e funcional para viver e ordenar o ambiente apropriado à vida pessoal e ao convívio humano. O trabalho integra a forma de ser na natureza humana” (VIDOR, 2014).

A tarefa de construir-se como pessoa envolve tanto a atividade mental, quanto física, tendo em vista que o ser humano é constituído de espírito e matéria. Daí decorre que, por sua faculdade intelectual, pode conhecer e, através da sua vontade, decidir. A decisão envolve a ação concreta na execução. Para Vidor (2104), “o exercício ativo necessita da mente para relacionar o que é conveniente e benéfico para realizar. O ponto de convergência do investimento é sempre o ser humano, porque visa atender as suas exigências vitais para manter a existência e aperfeiçoá-la”.

O homem, através do trabalho, organiza o ambiente externo, mas deve fazê-lo em benefício do seu crescimento e manutenção da vida. Impulsionado pelo fazer e agir busca, gradualmente, ampliar o prazer do existir. Nesta lógica, o trabalho deve resultar em valores de inteligência da alma para possibilitar o crescimento e aperfeiçoamento da pessoa e da dignidade humana.

Ao agir e transformar o ambiente que o circunda, amplia o seu raio de valor, propiciando mais facilidades e liberdade. Implícito está o conhecer sempre mais a si mesmo para organizar-se no ambiente em conformidade ao seu modo de ser, sem se prejudicar.



Ao prover as suas necessidades básicas que se apresentam como urgência imediata, prossegue com a luz de sua mente a sede e o desejo de saber mais e ir além, em busca de saciar-se. “Sem a atividade mental e física, o homem não atinge a plenitude pessoal porque só esta esgota a tensão ao aperfeiçoamento e à realização” (VIDOR, 2014).

“A organização de um contexto sempre é um meio para a construção de uma gradual autonomia que tem por escopo realizar plenamente a si mesmo. “O homem faz o trabalho e pelo trabalho se faz pessoa. O trabalho é integrante da forma humana, enquanto é um processo que realiza e dignifica o homem como pessoa” (VIDOR, 2014).

A existência é um contínuo modo de fazer-se para crescer e se aperfeiçoar. Nesta simbiose, o homem, sujeito, pessoa agente do objeto, mantém e administra o eu do objeto (MENEGHETTI, 2012). Deve ser sempre o operador do fim do objeto. A luz da sua mente é invisível, se torna possível através da ação do eu que sustenta a origem, é o originário da ação; é metafísica, é a unidade de ação entre sujeito e objeto.

A este invisível, que se fenomeniza na unidade de ação entre sujeito e objeto, a Ontopsicologia denominou Em Si ôntico. É o critério de base para ação em consonância com identidade do homem. De acordo com Meneghetti, é o critério de certeza para realizar-se na existência como pessoa (MENEGHETTI, 2002).

Em se tratando do sentido do trabalho, é o critério base que fornece o discriminante para a ação e decisão do que lhe propicia a autorrealização. Quando contrária a esta ordem de vida, o trabalho não possibilita ao homem obter o seu crescimento e evolução (MENGHETTI, 2004).

Para Meneghetti, “a natureza é perfeita”; o crescimento interior do homem resulta do cuidado e zelo de realizar o seu trabalho de forma também, perfeita. O homem, ao realizar o seu trabalho, o aprimora e esta ação reverte em melhoria e crescimento de si mesmo. É uma relação metabólica em que a pessoa, ao realizar as coisas, estas a realizam (MENEGHETTI, 2011).

O homem desenvolve-se através do trabalho. De acordo com Meneghetti (2011), “a pessoa muito evoluída sabe que nasce continuamente” (p. 217). É pelo trabalho que homem desenvolve-se continuamente. O ponto de chegada dá-se quando consegue exaurir o seu potencial, isto é, quando o exercício do seu ato vital é completo. Sua mente retorna na eternidade do Ser.

Portanto, o homem, colocado numa dimensão de espaço e tempo, os desafios do seu trabalho são estímulos de inteligência do seu fazer e crescer, na medida em que mantem a compreensão consciente de princípio metafísico da sua existência que depois conduz à ação. Este é o verdadeiro sentido do trabalho conforme a sua ordem de natureza.

## **Capítulo II – PROGRAMA E MÉTODOS DE PESQUISA**

Neste capítulo são apresentados, inicialmente, o campo problemático, o escopo, as tarefas, as hipóteses e os objetivos da pesquisa. Na sequência, descreve-se a caracterização da amostra e, por último, os métodos e o programa da pesquisa.

### **2.1 Campo problemático da pesquisa**

O campo de estudo nesta pesquisa refere-se ao sentido do trabalho para pessoas com idade regulamentar de aposentadoria e que continuam trabalhando ou que tiveram de deixar de trabalhar por motivos alheios a sua vontade.

A constatação de que pessoas, com estabilidade financeira, continuam trabalhando até a idade avançada, permite inferir que essas pessoas devem ter características psicológicas que as distinguem das demais e podem ser determinantes na definição de uma atitude proativa ao trabalho. Outro ponto considerado na definição do campo de pesquisa foi a experiência profissional e de vida da autora. Em suas atividades acadêmicas desenvolveu uma pesquisa relacionada ao sentido do trabalho a partir de observações sobre a atuação profissional de pessoas que com idade madura continuam em atividade laboral.

Assim, a partir dos argumentos apresentados, configurou-se o seguinte problema de pesquisa: Qual é o sentido do trabalho para as pessoas com situação financeira estável que, em idade regulamentar de aposentadoria ou já aposentadas, continuam trabalhando profissionalmente?

### **2.2 Escopo e tarefas da pesquisa**

#### **2.2.1 Escopo da pesquisa**

Este estudo tem por escopo investigar qual o sentido do trabalho e fatores de ordem pessoal que levam profissionais a continuarem trabalhando após o tempo regulamentar para a aposentadoria.

Como objetivos propõe-se:

- a. Identificar aspectos de ordem pessoal que determinam a decisão de diferentes profissionais em continuar trabalhando após o tempo regulamentar de aposentadoria.
- b. Descrever o perfil dos diferentes grupos de profissionais que participaram da amostra e que continuam trabalhando por diferentes motivos.
- c. Identificar o sentido do trabalho e causas que levam determinadas pessoas a abandonar o trabalho após o tempo regulamentar de aposentadoria.

### **2.2.2 Tarefas da pesquisa**

No delineamento do estudo, foram desenvolvidas as seguintes tarefas:

- a. Leitura de obras e revisão de textos publicados em periódicos impressos e em meios eletrônicos referentes ao tema da pesquisa.
- b. Estudo e sistematização de textos que abordam o tema do sentido do trabalho para profissionais em idade regulamentar de aposentadoria e que permanecem trabalhando.
- c. Elaboração dos questionários para coleta de dados.
- d. Realização de um teste piloto para verificação dos questionários.
- e. Agendamento para a aplicação dos questionários (presencial).
- f. Tabulação dos dados.
- g. Tratamento estatístico dos dados e interpretação dos resultados.
- h. Redação final da tese e apresentação.

## **2.3 Hipótese e objeto da pesquisa**

### **2.3.1 Hipótese da pesquisa**

- a. As pessoas continuam trabalhando após o tempo regulamentar de aposentadoria por encontrarem no trabalho um sentido de realização.
- b. As pessoas continuam trabalhando após a aposentadoria porque não adquiriram independência econômica por diferentes motivos.
- c. Determinados profissionais deixam o trabalho ao se aposentarem por motivos alheios a sua vontade.

### **2.3.2 Objeto da pesquisa**

O sentido do trabalho para pessoas que já cumpriram o tempo regulamentar de aposentadoria e permanecem trabalhando.

## **2.4 Caracterização da amostra**

A composição da amostra foi não probabilística, selecionada por critério de quotas, formada pelos seguintes estratos da população alvo:

- a. Pessoas que trabalham por qualquer motivo que não o sustento.
- b. Pessoas que trabalham para se sustentar.

- c. Pessoas que tiveram que deixar o trabalho por motivos alheios a sua vontade, pois gostariam de permanecer trabalhando.

Cada estrato da amostra foi formado por 15 (quinze) participantes, de ambos os sexos, com idade regulamentar de aposentadoria ou já aposentados, totalizando 45 pessoas. Para efeitos deste estudo, foi utilizado como critério do limite de idade que preceitua o Estatuto do Idoso, criado pela Lei 10.741, de 01 de outubro de 2003, o qual estabelece a idade limite de 60 anos ou mais para a categorização de “idoso” (BRASIL, 2003).

Os respondentes são brasileiros e residentes, na sua maioria, na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Para os componentes do estrato número 1, a amostra foi escolhida por um critério de acessibilidade da pesquisadora. Para os estratos 2 e 3, a seleção foi realizada junto aos grupos de atividades dirigidas para o público hoje conhecidas como “grupos da melhor idade”, conduzidos por diferentes entidades sem fins lucrativos. Assim, os grupos 2 e 3 foram formados após a aplicação do questionário autoral, em número suficiente para compor a amostra de 15 participantes dos respectivos estratos. Com as amostras formadas, foram aplicados os demais instrumentos de pesquisa.

Os três estratos da amostra estão identificados neste estudo como:

R1 (respondentes do estrato um): pessoas que trabalham por qualquer motivo que não o sustento;

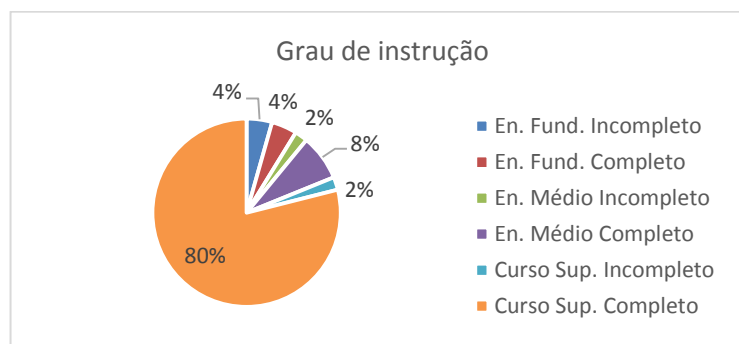
R2 (respondentes do estrato dois): pessoas que trabalham para se sustentar;

R3 (respondentes do estrato três): pessoas que tiveram que deixar o trabalho por motivos alheios a sua vontade, pois gostariam de permanecer trabalhando.

Do total da amostra, 47% são do sexo masculino e 53% do sexo feminino. Entre os quarenta e cinco participantes, 78% tem filhos, 47% são casados, 20% solteiros e os demais, enquadram-se em outras situações, como viúvo, divorciado, etc.

Quanto ao grau de instrução, há predominância de pessoas com curso superior completo, como mostra a Figura 01.

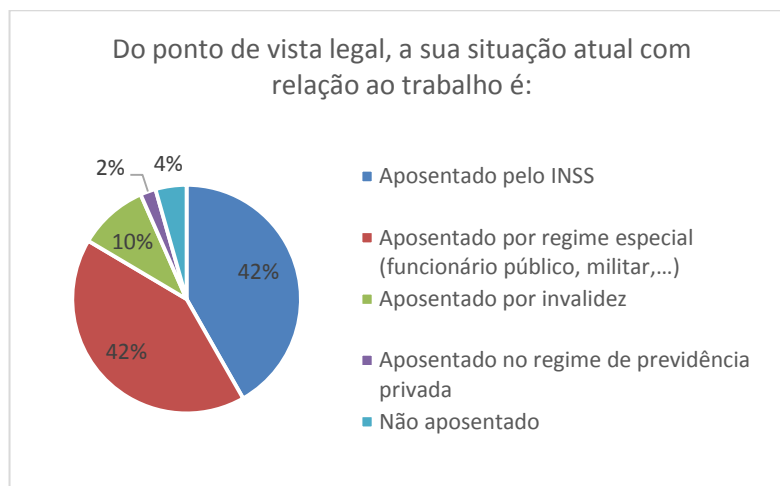
**Figura 1:** Gráfico demonstrativo do grau de instrução



**Fonte:** Pellegrini, 2014

Do ponto de vista legal, a situação atual dos participantes, com relação ao trabalho está demonstrada da Figura 2, em que 84% estão distribuídos equitativamente entre os aposentados pelo regime do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) e por regimes especiais oficiais, como, militares, funcionários públicos, professores de universidades públicas, etc. Os demais são aposentados por invalidez, regime de previdência privada ou não aposentados.

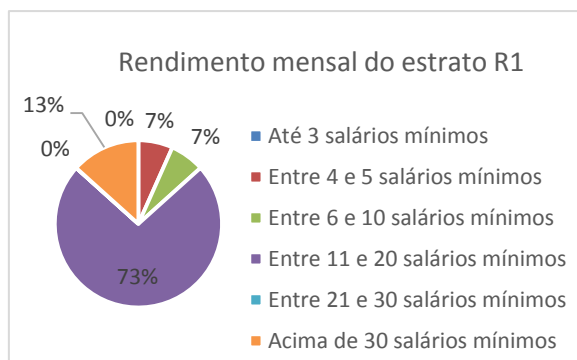
**Figura 2:** Gráfico demonstrativo da situação legal em relação ao trabalho



Fonte: Pellegrini, 2014.

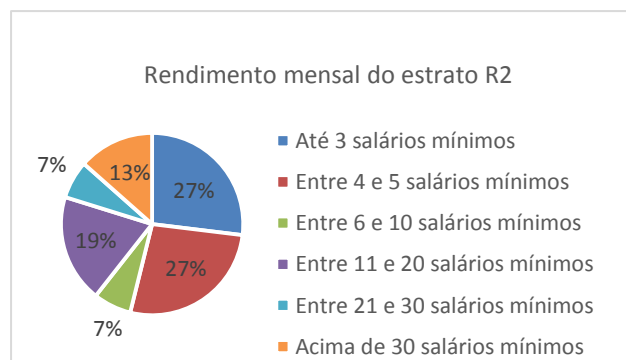
O enquadramento dos participantes da amostra no que se refere ao nível de rendimentos está demonstrado por estratos. Nos respondentes do grupo R1, ou seja, os que trabalham por qualquer motivo que não o sustento, observa-se uma maior concentração nas faixas de maior rendimento. Neste grupo, 73% possui uma renda mensal entre 11 e 20 salários mínimos, o que, no grupo dos que trabalham para sustentar, corresponde a somente 19%. No grupo R3, 27% se enquadram nesta faixa de rendimentos, o que corresponde a 27%, conforme Figuras 3, 4 e 5, respectivamente.

**Figura 3:** Gráfico demonstrativo do rendimento mensal do estrato R1



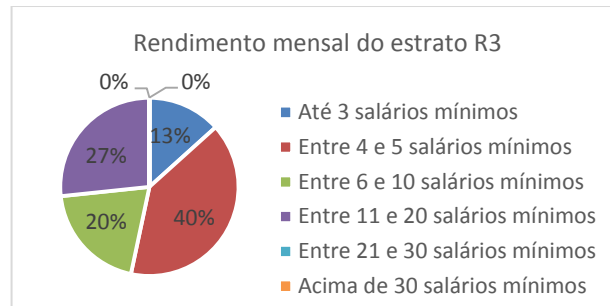
Fonte: Pellegrini, 2014.

**Figura 4:** Gráfico demonstrativo do rendimento mensal do estrato R2



Fonte: Pellegrini, 2014.

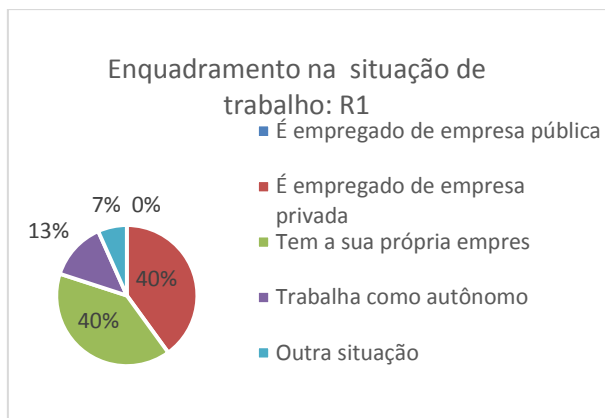
**Figura 5: Gráfico demonstrativo do rendimento mensal da amostra R3**



Fonte: Pellegrini, 2014

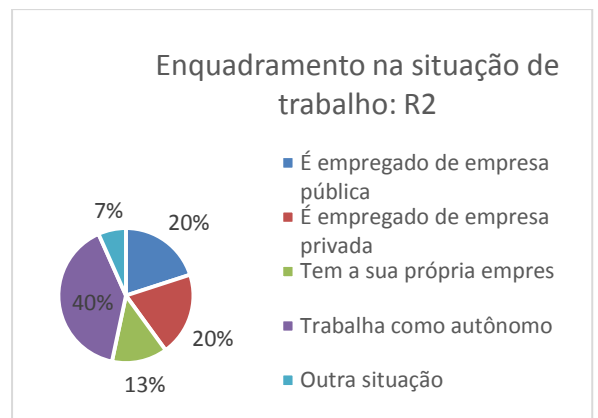
No que diz respeito à situação de enquadramento no trabalho, entre os participantes dos estratos R1 e R2, ou seja, dos que continuam trabalhando por qualquer motivo ou por necessidade do seu sustento, merece destaque o fato de que, enquanto dos que trabalham por qualquer motivo, 40% são donos da sua própria empresa, no grupo dos que trabalham por necessidade, este percentual representa apenas 13%, conforme mostram as figura 6 e 7, respectivamente.

**Figura 6:** Gráfico demonstrativo do enquadramento no trabalho do estrato R1



Fonte: Pellegrini, 2014

**Figura 7:** Gráfico demonstrativo do enquadramento no trabalho do estrato R2

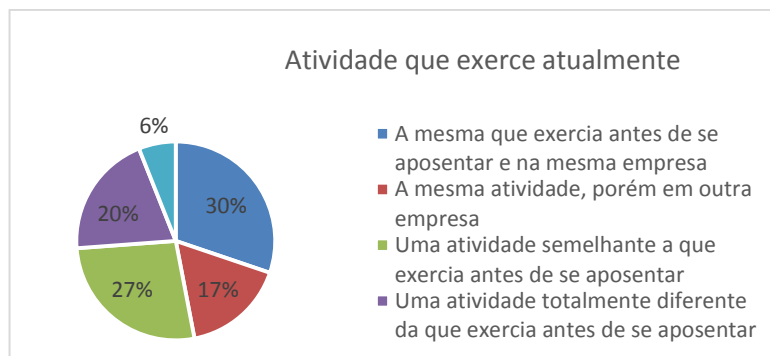


Fonte: Pellegrini, 2014

No que refere ao grupo dos respondentes que tiveram que deixar de trabalhar por qualquer motivo, foram obtidas as seguintes respostas: sete pessoas foram afastadas do trabalho por doença; cinco, deixaram de trabalhar para cuidar de familiar doente; dois respondentes tiveram dificuldade de conseguir novo emprego; um respondente afirmou que gostaria muito de continuar, mas não consegue pela idade avançada, pois possui 85 anos.

Entre os participantes dos estratos R1 e R2, 30% continuam trabalhando nas mesmas atividades e na mesma empresa, enquanto 20% exercem atividades totalmente diferentes àquelas que desenvolviam antes da aposentadoria, conforme pode ser observado no gráfico da Figura 8.

**Figura 8:** Gráfico demonstrativo da atividade atual dos estratos R1 d R2



Fonte: Pellegrini, 2014

## 2.5 Métodos e programa da pesquisa

Para a coleta de dados foram utilizados quatro instrumentos assim caracterizados:

- Um questionário autoral aplicado para todos os componentes de amostra (Anexo A).
- Três outros instrumentos validados pela UESP, quais sejam: Nível de neurotização (Anexo B); Nível de controle subjetivo (Anexo C); Teste de vitalidade (Anexos D).

Para o registro dos dados quantitativos foi elaborada uma tabela no Excel. O tratamento estatístico seguiu os métodos matemáticos aplicados em Psicologia, de acordo com as exigências do Programa Educacional de Pós-Graduação em Psicologia da UESP. As questões dissertativas foram analisadas pela técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2004). Segundo esta autora, a técnica compreende a análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Aplica-se, portanto, à análise de textos escritos ou comunicação oral reduzida a um texto ou documento. Permite também, compreender o significado do conteúdo latente ou manifesto emitido pelos autores e inferir conhecimentos a respeito do emissor e seu meio.

### Capítulo III – DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A seguir são descritos os resultados obtidos com a análise e interpretação dos instrumentos aplicados na pesquisa, conforme enunciados no capítulo da metodologia. São apresentados destacadamente, os resultados do questionário autoral e dos instrumentos de psicodiagnóstico utilizados na pesquisa: teste do nível de neurotização, teste do nível de controle subjetivo e teste do nível de vitalidade. Com exceção do primeiro instrumento, os demais são métodos classificados como experimental-psicológicos estandardizados.

A pesquisa desenvolveu-se em consonância com os princípios éticos que regem a aplicação do psicodiagnóstico de responsabilidade, legalidade, confidencialidade, informando os pesquisados sobre o objetivo da pesquisa.

#### 3.1 Resultados do questionário autoral

Os resultados do questionário autoral abrangem questões atinentes às relações dos respondentes com a sua família de origem e às questões de auto percepção em diferentes aspectos da vida. Entre os quarenta e cinco participantes da pesquisa, 19 são primogênitos, o que corresponde a 42%. O grupo pesquisado tem, ainda, de forma representativa, 18% de segundogênitos e 16% são últimos filhos.

O questionamento a respeito do tempo em que viveram na casa dos pais, 49% afirmou ter vivido até os 15 anos; 20%, entre 15 e 20 anos e 31%, depois dos 20 anos. Percebe-se que esta distribuição não se dá na mesma forma, quando analisados os estratos em separado. No grupo dos que continuam trabalhando porque gostam, 67% viveu somente até os 15 anos na casa onde nasceu, enquanto no grupo do que trabalham porque precisam, 47% viveu depois dos 20 anos. Se considerados os dois primeiros intervalos, 87% do primeiro grupo viveram até os 20 anos na casa onde nasceram e, o grupo dos que trabalham porque precisam, soma 53% nesta categoria, conforme Tabela 1.

**Tabela 1**

Demonstrativo, por estrato da amostra, do tempo vivido na casa dos pais

Categorias/Percentuais	R1		R2		R3		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Até os 15 anos	10	67	7	47	5	33	22	49
Entre os 15 e 20 anos	3	20	1	6	5	33	9	20
Até depois dos 20 anos	2	13	7	47	5	34	14	31
Total	15	100	15	100	15	100	45	100

Fonte: Pellegrini, 2014



Quanto à saúde física, quando criança, 84% dos respondentes se consideravam com boa saúde. De certa forma, esses dados guardam relação com a concepção de independência em que apenas 29% dos entrevistados afirmaram terem sido pessoas dependentes na sua infância.

Quando criança, 53% dos respondentes tinham a mãe como adulto de maior referência afetiva e 38%, o pai, o que totaliza 96%. Entretanto, no que se refere ao adulto com o qual gostariam de se assemelhar a pesquisa mostra que 64% gostariam de assemelhar-se aos pais, 13% aos tios, 9% a um irmão ou primo, 4% aos avós e 9% a outra pessoa.

Ao serem indagados se, quando adolescente conseguiam contrariar a opinião dos seus pais, 31% responderam que sim, 36% raramente e 33% que não. Isso mostra que a maioria dos participantes, desde jovens já possuíam opiniões próprias e tinham personalidade para contrariar a opinião dos pais, revelando um traço (ter sua própria opinião) característica das pessoas líderes.

Questionados se quando adolescentes falavam com seus pais sobre o futuro, 44% respondeu que sim, 40% raramente e 16%, não.

O maior desejo dos pais em relação ao futuro de seus filhos, na opinião dos respondentes, 45% era alcançar o sucesso no campo profissional, 25% ser uma pessoa independente, autônoma, 22% ter uma vida familiar feliz e 8% ter uma postura otimista e prática em relação à vida.

Quando os respondentes viviam com seus pais, o nível econômico de suas famílias era 4% mais alto que a média, e, atualmente, o seu nível de vida é 40% mais alto que a média; 64% dos respondentes afirmaram que, quando viviam com seus pais, o nível de renda era igual a média e atualmente, este percentual se equipara a 60%. Apenas 31% dos respondentes afirmaram que quando viviam com seus pais, o nível socioeconômico da família era mais baixo que a média e, atualmente, nenhum respondente se enquadra nesta alternativa.

A pesquisa mostra que, em média, 38% dos respondentes têm acima de 20 anos de estudo, 33% entre 15 a 20 anos, 22% entre 10 e 15 anos e 7%, abaixo de 10 anos de estudo.

Ao traçarem o próprio perfil no que se refere ao desempenho no ensino fundamental e médio, 26% dos respondentes afirmaram serem melhor do que os outros, 69% ser igual à média e 4%, pior que os outros. Em contrapartida, ao serem indagados sobre se desejavam na escola ser melhor do que os outros, 51% responderam que sim e 49% que não. Igualmente, no que se refere ao aspecto de liderança, 29% disseram que foram líderes na sua classe, 29% que não foram líderes e 42%, às vezes. Já a primeira experiência profissional foi agradável para 82% dos pesquisados e pouco agradável para 18%.

Indagados sobre o seu humor e vitalidade, 53% dos respondentes consideram-se melhor do que os outros e 47% é semelhante aos demais. Esta questão está relacionada e é coerente com os resultados do questionamento sobre o nível de atividade e energia, onde 56% se consideram com vitalidade superior aos outros e 44%, semelhante aos demais.

A pesquisa apurou que 51% dos participantes gostariam de ter mais tempo para viagens, 18% de dedicar mais tempo ao esporte, 18% ao estudo, 4% à arte e 9% a outras atividades. Sobre a satisfação em relação à vida familiar, 78% responderam que estão satisfeitos, 16% manifestaram estar razoavelmente satisfeitos, 4% afirmaram ser difícil dizer e 2% não estão satisfeitos.

### 3.1.1 Análise das questões dissertativas

As respostas dadas às questões abertas estão sumariadas no Quadro 1 (Anexo E).

A **primeira questão** “Que coisas você gostaria de mudar na sua vida atualmente”, são analisadas a seguir. As respostas foram agrupadas em duas categorias: *nada a mudar* e *mudar*. A Tabela 2 mostra a frequência de participantes por categoria de análise.

**Tabela 2**

Demonstrativo, por estrato da amostra, do desejo de mudança na vida

Categorias	R 1	R 2	R 3
Nada a mudar	8	2	2
Mudar	7	13	13
Total	15	15	15

Fonte: Pellegrini, 2014

Observa-se que dos participantes do estrato R1, ou seja, o grupo de pesquisados que continuam trabalhando porque gostam, oito estão satisfeitos com a sua situação atual e sete gostariam de realizar alguma mudança. No que se refere aos estratos R2 e R3, há um equilíbrio nas respostas e a maioria, o seja, em cada um dos grupos, 13 gostariam de mudar.

#### Análise da categoria “Nada a mudar”

Foram incluídos nesta categoria os depoimentos dos respondentes que declararam não ter nada a mudar, conforme os exemplos a seguir:

*R1-4 Faço aquilo que quero, sigo o meu projeto, nada tenho a mudar, somente trato de evoluir sempre enquanto tenho potencial disponível, vontade e disposição.*

*R1-11 Está tudo bem, a mudança mais radical já aconteceu.*

A análise que se faz aqui é de que os participantes do estrato R1 estão satisfeitos com a sua atual situação de vida e que, possivelmente, já realizaram as mudanças mais significativas. Isto está coerente com a estratificação apontada nos dados sócio demográficos de que continuam trabalhando porque gostam. Observa-se também uma postura positiva frente à vida como declarou o R1-4 “*somente trato de evoluir sempre enquanto tenho potencial disponível, vontade e disposição*”. Subjacente a este depoimento, evidencia-se a presença de uma pessoa líder, que mesmo com sua independência econômica, compreendeu o verdadeiro sentido trabalho.

Nesta categoria, apenas dois respondentes de cada estrato (R2 e R3) declararam nada a mudar. Portanto, não é possível estabelecer uma análise de conteúdo para as respostas “nada a mudar”.

### **Análise da categoria “Mudar”**

Esta categoria abrange a análise de todas as respostas em que os participantes manifestaram o desejo de fazer alguma mudança em suas vidas. Os depoimentos a seguir compreendem as respostas mais significativas:

*R1-1 Dedicar mais tempo em caminhadas, leituras, ouvir música, participar de momentos de recolhimento e reflexão espiritual.*

*R1-4 Gostaria de ter mais tempo para o ócio criativo.*

*R1-10 Ter mais tempo e recursos financeiros para viajar mais.*

Observando-se os depoimentos dos participantes do estrato R1, verifica-se que os motivos para realizar mudanças estão relacionados a viagens, lazer, ou seja, não se representam motivos significativos do ponto de vista da situação nem relação à permanência no trabalho. Participar de momentos de recolhimento e reflexão espiritual, conforme declara R1-1, demonstra maturidade e autorrealização no plano não somente material, mas também espiritual.

No que se refere aos participantes do estrato R2, foram selecionados para análise os seguintes depoimentos:

*R2-5 Ver a independência econômica de meus filhos. Encontrar mais parceiros para minha empresa.*

*R2-7 Ter uma aposentadoria melhor.*

*R2-10 Ser mais bem aposentado, e poder faturar, ou melhor, sobrar um pouco mais na minha empresa.*

As respostas dos participantes do estrato R2 corroboram o enquadramento do que foi explicitado nos dados sociodemográficos de que têm que trabalhar para poder se sustentar. Chama a atenção a ênfase dada ao aspecto econômico relacionado principalmente a posição de rendimentos financeiros ligados à empresa e aos rendimentos auferidos pela aposentadoria.

Os participantes do estrato R3 manifestaram o seu desejo de mudança, conforme pode-se observar nos depoimentos a seguir:

*R3-5 Poder viajar.*

*R3-6 Participar de trabalho voluntário.*

*R3-10 Desejo de voltar a trabalhar.*

*R3-13 Voltar à ativa, com função administrativa.*

Considerando que os respondentes do estrato R3 é composto por pessoas que gostariam de continuar trabalhando, mas precisaram parar por outro motivo, pode-se constatar a coerência entre as respostas dadas e a situação em que se encontram. Manifestam, por exemplo, o desejo de poder viajar e estão impossibilitados por ter que cuidar de um familiar ou gostariam de voltar ao trabalho e não possuem mais a força física.

A **segunda questão** “Quais são os obstáculos que lhe impedem de mudar alguma coisa em sua vida”. As respostas foram agrupadas nas categorias *Não existem obstáculos* e *Obstáculos*, conforme mostra a Tabela 3.

**Tabela 3**

Demonstrativo, por estrato da amostra, relativo à existência de obstáculos para a mudança

Categorias	R 1	R 2	R 3
Não existem obstáculos	7	3	2
Obstáculos	8	12	13
Total	15	15	15

Fonte: Pellegrini, 2014

### **Análise da categoria “Não existe obstáculos”**

As respostas atribuídas nesta categoria pelos participantes dos três estratos (R1, R2 e R3) estão coerentes com as repostas dadas na questão anterior sobre as coisas que gostariam de mudar

em suas vidas. Observa-se que apenas um respondente do estrato R2 apontou não existir obstáculo para o que gostaria de mudar em sua vida.

### **Análise da categoria “Obstáculos”**

Nesta categoria são analisados os obstáculos que, na opinião dos participantes, impedem de mudarem alguma coisa em suas vidas. As respostas mais significativas estão elencadas a seguir:

*R1-1 Os compromissos profissionais (trabalho).*

*R1-2 Aceito a vida como consegui construí-la.*

*R1-3 A localização da minha empresa.*

*R1-5 O apego ao trabalho. Falta de domínio de línguas estrangeiras.*

Considerando que os participantes do estrato R1 são indivíduos que continuam trabalhando porque gostam e não por necessidade, os obstáculos estão voltados a aspectos físicos como a localização da empresa, o apego ao trabalho, etc. As dimensões pessoais aparecem como falta de habilidade em assuntos específicos, no caso línguas estrangeiras, e conformismo com a vida.

No que se refere aos participantes do estrato R2, tempo, dinheiro e idade são os principais obstáculos que os impedem de procederem a mudanças em suas vidas, como mostram os depoimentos a seguir.

*R2-3 Idade*

*R2-5 Gostaria de poder reduzir minha carga de trabalho, que eu amo, mas que é, muitas vezes, excessivo.*

*R2-9 Compromissos financeiros*

Ao indicar a idade como obstáculo para a mudança, compreende-se que são pessoas que não percebem um horizonte maior de tempo em sua vida. De outra forma, existe a situação de respondentes que gostariam de mudar, mas estão submetidos a uma carga excessiva de trabalho ou terem assumido compromissos financeiros que lhes cerceiam a liberdade de mudar.

O grupo de respondentes R3 aponta como obstáculos para realizarem mudanças em suas vidas a limitação da idade, a enfermidade própria ou de familiares e as dificuldades econômicas. Estes aspectos são ilustrados nos depoimentos:

*R3-2 Sem oferta de trabalho, devido à idade.*

*R3-5 Enfermidades familiares.*

R3-7 Problemas de saúde.

R3-13 Econômico.

Associados às doenças familiares são apontados aspectos em que os participantes do estrato R3 têm a responsabilidade de cuidar de filho especial e mãe com Alzheimer. Entende-se que estes aspectos se constituem em obstáculos determinantes que limitam a pessoa em suas ações.

A **terceira questão** teve por objetivo avaliar “Que coisas lhe dão mais prazer, hoje, na sua vida?” As respostas foram categorizadas em trabalho, família, lazer e cultura, e saúde. As categorias estabelecidas são não excludentes, de maneira que foram consideradas respostas de um mesmo respondente em mais de uma categoria. Os dados estão sumariados na Tabela 4 a seguir:

**Tabela 4**

Demonstrativo, por estrato da amostra, sobre o que dá mais prazer na vida

Categorias	R1	R2	R3	Total
Trabalho	12	6	1	19
Família	7	4	10	21
Lazer e cultura	9	9	9	27
Saúde	0	2	0	2

Fonte: Pellegrini, 2014

A análise mostra que para o estrato R1 composto pelos respondentes que continuam trabalhando porque gostam, a categoria mais citada é o *trabalho*; no estrato R2 em que os pesquisados continuam trabalhando porque precisam para se sustentar, a categoria mais citada é a *lazer e cultura*; já no estrato R3, dos participantes que tem algum impedimento para continuar trabalhando, a categoria que se sobressai é a da *família*. Outra observação se refere ao equilíbrio nos três estratos da categoria *lazer e cultura*.

A pergunta para **quarta questão** foi “Qual adjetivo você coloca para completar a frase – Eu sou uma pessoa ....” As respostas encontram-se sumariadas na Tabela 5.

**Tabela 5**

Demonstrativo, por estrato da amostra, sobre o adjetivo de autoimagem

Categorias	R 1	R 2	R3	Total
Feliz	5	7	5	17
Trabalhadora	5	0	0	5
Tranquila	2	1	1	4
Agradecida	1	1	1	3
Otimista	1	2	0	3
Disponível	0	1	1	2
Realizada	1	0	1	2
Frustrada	0	1	0	1
Inquieta	0	1	0	1
Responsável	0	0	1	1
Outra	0	1	5	6
Total	15	15	15	45

**Fonte:** Pellegrini, 2014

Observa-se que o adjetivo *feliz* foi o que obteve a maior frequência de respostas nos três estratos. Já o adjetivo *trabalhadora* foi apontado apenas pelos respondentes do estrato R1. Isto mostra que há coerência entre o estrato no qual estão enquadrados e este adjetivo que os qualifica. Também merece consideração o fato que, neste estrato, 10 pessoas se auto definem como *felizes* e *trabalhadoras*. As demais respostas se distribuem de forma não significativa entre as diferentes categorias identificadas.

### 3.2 – Resultados do teste do Nível de neurotização

A aplicação do teste do nível de neurotização permite verificar os lados sadios da personalidade e atitude positiva em relação à vida dos participantes da pesquisa.

A primeira etapa constituiu-se na classificação dos resultados do teste entre confiáveis e não confiáveis, a partir do critério da escala de insinceridade (F). Esta é calculada com base às questões falsas que são em número de dez: questão número um, questão número cinco e todas as múltiplas de cinco. A resposta *não* sempre corresponde à escala da mentira e é considerada insincera.

Com base neste critério, foram classificados vinte e dois instrumentos como não confiáveis, distribuídos equitativamente entre homens e mulheres e entre os três estratos da amostra. Para efeitos da análise do nível de neurotização, foram desconsiderados, pois representam informações nas quais as pessoas não foram sinceras ao responder às perguntas, ou seja, queriam representar a si mesmas, como fortes, alegres, bem sucedidas, mais do que são na verdade, conforme está demonstrado na Tabela 6.

**Tabela 6**

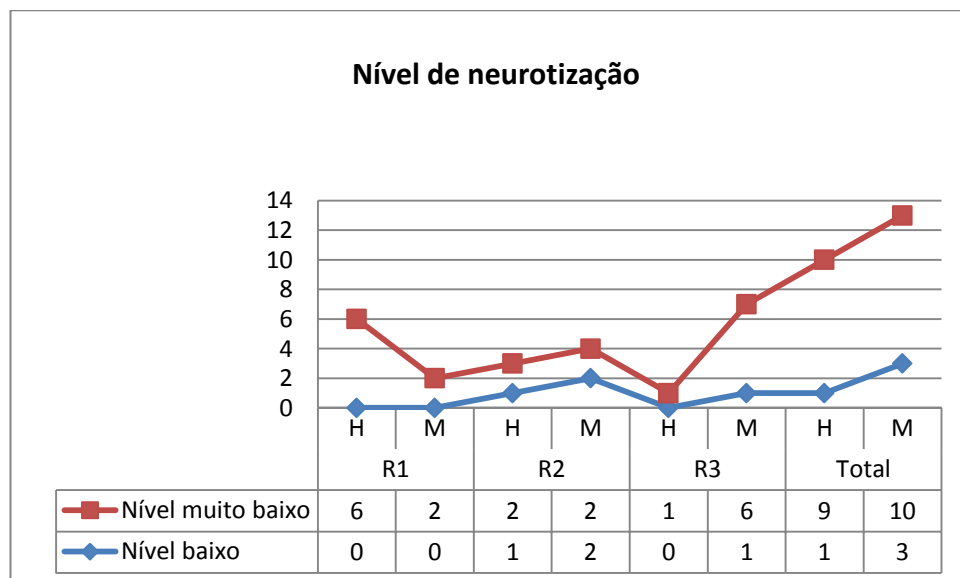
Demonstrativo, por estrato da amostra, dos testes de neurotização não confiáveis

	R1		R2		R3		Total	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Não fidedigno	5	2	4	4	2	5	11	11

**Fonte:** Pellegrini, 2014

Aos testes dos respondentes considerados confiáveis, procedeu-se à etapa de valoração das demais questões, mediante a atribuição do coeficiente diagnóstico a cada uma delas, de acordo com a chave de correção do método (Anexo F). À soma algébrica dos coeficientes diagnósticos, foram atribuídos os níveis de neurotização, conforme as gradações da tabela do método (Anexo G).

Os valores obtidos representam o nível de neurotização dos vinte e três respondentes, cujos testes foram classificados como confiáveis, quando da utilização da escala de insinceridade (Anexo H). Como pode ser observado na Figura 9, todos estão classificados nos níveis de *neurotização muito baixo* ou *neurotização baixo*. Nenhum dos respondentes enquadrados com o teste confiável obteve valor final que os classificasse nos demais níveis de neurotização. Merece destaque observar que a frequência maior do *nível muito baixo de neurotização* ocorreu entre os respondentes dos grupos R1 e R3, respectivamente, dos que trabalham porque gostam e dos que tiveram que deixar de trabalhar por alguma razão.

**Figura 9:** Gráfico demonstrativo do nível de neurotização**Fonte:** Pellegrini, 2014



Os resultados obtidos, ou seja, baixos níveis de neurotização indicam, de um maneira geral, tratar-se de um grupo de pessoas com atitudes positivas com a vida, seguras de si, emocionalmente estáveis, otimistas e com alta tolerância a frustrações. Indivíduos que fazem parte desta classificação, têm coragem e facilidade de se comunicar com outras pessoas, são, frequentemente, fortes e positivas, atuando via de regra, como líderes formais ou informais.

### **3.3 Resultados do teste do Nível de controle subjetivo**

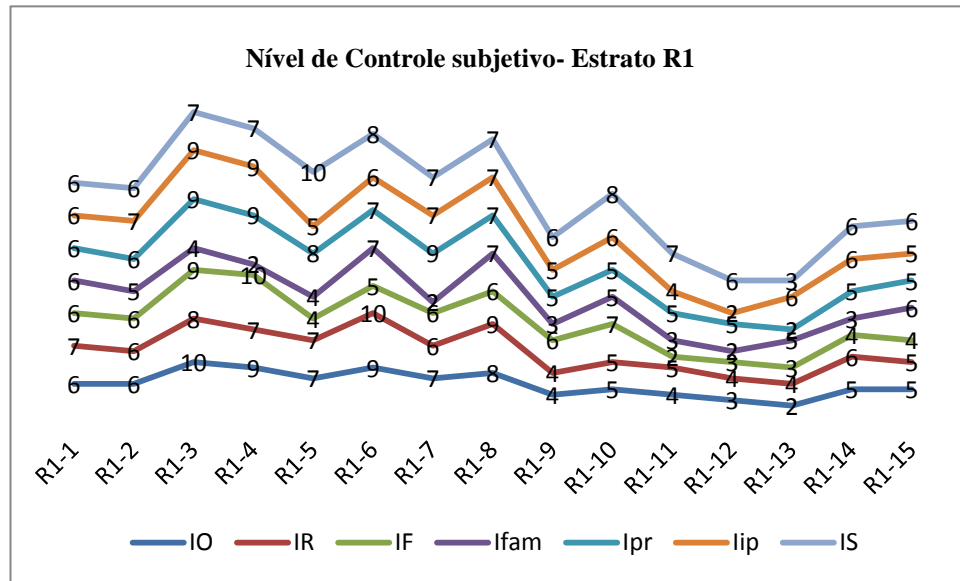
O teste do nível de controle subjetivo foi aplicado a todos os participantes da amostra e processado de acordo com a metodologia específica para este instrumento que compreende a seguinte escala de variáveis:

- IO - Internalidade geral;
- IR - Internalidade na esfera das realizações;
- IF - Internalidade na esfera dos fracassos;
- IFam - Internalidade na esfera das relações familiares;
- IPr - Internalidade na esfera das relações profissionais;
- Iip - Internalidade na esfera das relações interpessoais;
- IS - Internalidade no que se refere à saúde e à doença.

Para calcular o valor primário ou cru da escala, foram somadas as respostas positivas e as negativas, com o sinal contrário. A transformação dos valores primários ou crus na escala de paredes é feita conforme os parâmetros específicos do teste conforme Anexo I.

Os resultados gerais obtidos na aplicação do teste de nível de controle subjetivo estão descritos por estratos da amostra no Quadro 3 do Anexo J.

No grupo das pessoas do estrato R1 observam-se valores de internalidade geral (IO) altos, o que significa alto controle subjetivo da personalidade sobre os acontecimentos importantes da vida, especialmente os de influência externa, alto grau de atividade social, responsabilidade, maturidade e estabilidade da personalidade, conforme Figura 10.

**Figura 10:** Gráfico demonstrativo do nível de controle subjetivo, estrato R1

Fonte: Pellegrini, 2014

No que se refere ao coeficiente de internalidade na esfera das realizações (IR), o grupo, de maneira geral, apresenta valores altos o que significa o controle subjetivo da personalidade sobre situações e acontecimentos externos, são seguras de suas possibilidades de obtenção de resultados dos objetivos planejados, ultrapassando as dificuldades, independente dos obstáculos que se apresentem.

A internalidade na esfera dos fracassos (IF) apresenta nível não muito elevado no grupo, para a maioria dos respondentes. Evidencia-se o nível de controle subjetivo da personalidade sobre os acontecimentos e situações negativas.

A internalidade na esfera das relações familiares (IFam) representa o controle subjetivo da personalidade sobre estas relações. Os resultados do grupo R1 são mais baixos do que os anteriores. Constata-se um nível moderado de controle subjetivo da personalidade nas relações familiares. Demonstra que os respondentes consideram que as relações na família dependem tanto de suas atitudes e ações como da influência reguladora de outros membros.

Quanto à internalidade na esfera das relações profissionais (IIPr), com exceção de um respondente, para os outros elementos do grupo pode-se inferir um grau alto ou médio de controle subjetivo da personalidade sobre as relações profissionais. Em tal situação, as pessoas percebem a si mesmas como responsáveis pela organização da sua atividade profissional.

O grupo de respondentes R1 registra valores médios e superiores no que se refere ao nível da internalidade na esfera das relações interpessoais (IIP), o que evidencia o nível de controle subjetivo da personalidade na relação com outras pessoas e na responsabilidade pelos acontecimentos e

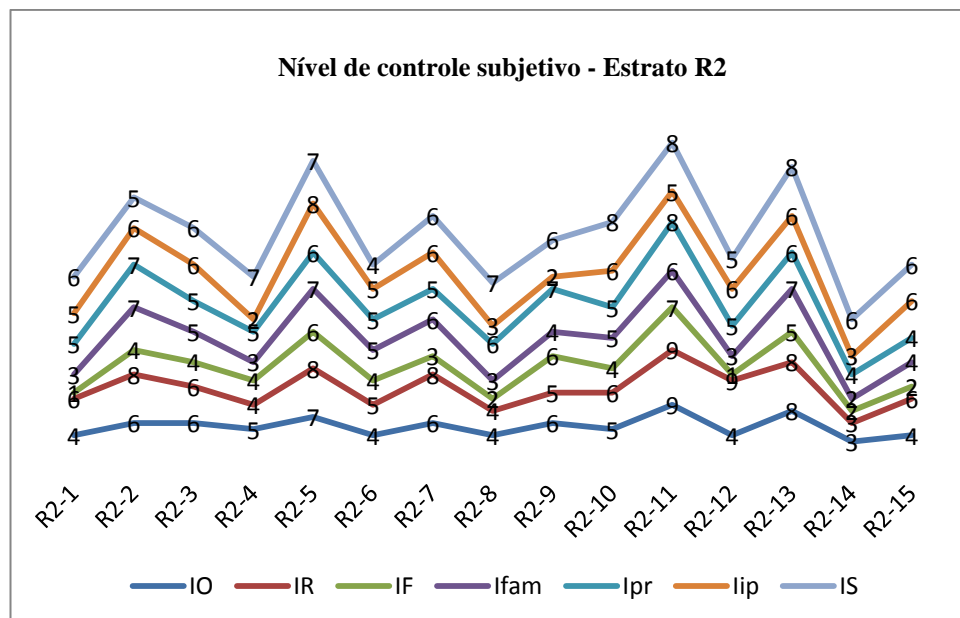
situações importantes que se estabelecem na esfera das comunicações. Excetua-se o respondente R12 que obteve o escore baixo.

A internalidade no que se refere à saúde e à doença (IS), o grupo, de maneira geral, percebe que o seu estado de saúde depende em primeiro lugar do seu estilo de vida do que de fatores externos. Apenas o respondente R13 apresenta um baixo grau de internalidade na esfera da saúde.

Os resultados do estrato R2, representado pelo grupo de pessoas que trabalham porque precisam, não há uma homogeneidade nas respostas, como pode ser observado na Figura 11.

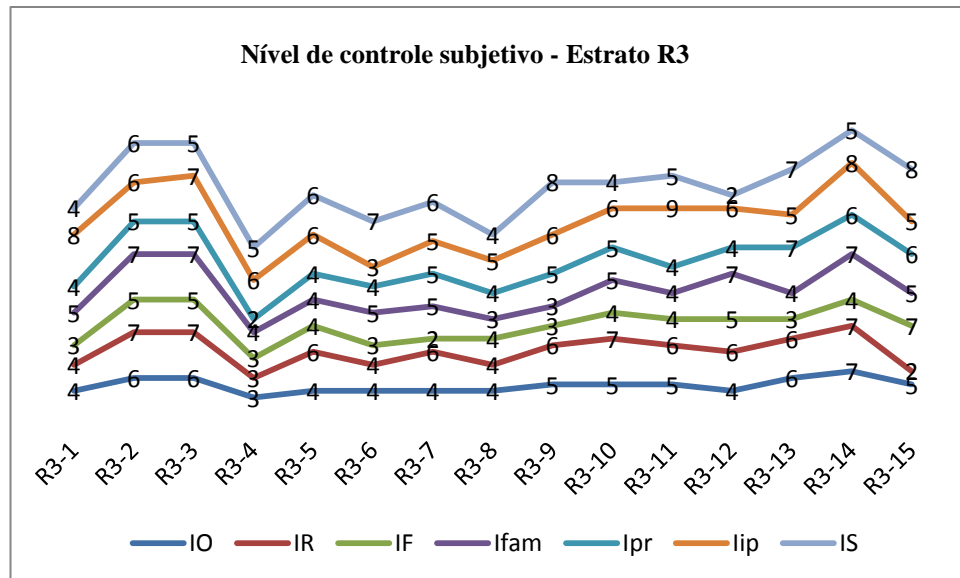
Apenas os respondentes R2-5, R2-11 e R2-13 apresentam níveis de controle subjetivo superiores aos demais deste grupo, demonstrando que possuem um maior controle subjetivo da personalidade.

**Figura 11:** Gráfico demonstrativo do nível de controle subjetivo, estrato R2



**Fonte:** Pellegrini, 2014.

Na análise dos resultados do estrato R3, representado pelo grupo das pessoas que tiveram que deixar de trabalhar por qualquer motivo, constata-se níveis médios de controle subjetivo da personalidade, evidenciando a característica deste grupo de um controle médio sobre os resultados da própria atividade, média atividade social, conforme Figura 12.

**Figura 12:** Gráfico demonstrativo do nível de controle subjetivo, estrato R3

Fonte: Pellegrini, 2014

### 3.4 Resultados do teste do Nível de vitalidade

Para o cálculo do fator de vitalidade, inicialmente, as questões do teste foram divididas entre diretas e indiretas e classificadas entre as variáveis, envolvimento, controle e aceitação de riscos, conforme as chaves das escalas do teste de vitalidade (Anexo K). Foram atribuídos pontos às respostas conforme os seguintes valores:

Itens diretos:

- “não” – 0 ponto,
- “antes não que sim” – 1 ponto,
- “antes sim que não” – 2 pontos,
- “sim” – 3 pontos

Itens inversos:

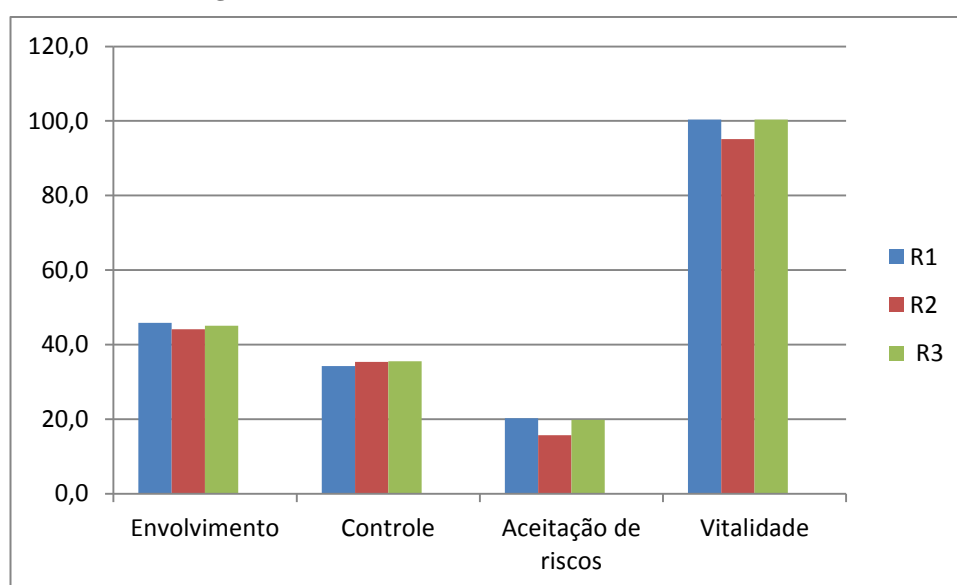
- “não” – 3 pontos,
- “antes não do que sim” – 2 pontos
- “antes sim do que não” – 1 ponto;
- “sim” – 0 ponto.

Os indicadores da vitalidade e de cada uma das três subescalas (envolvimento, controle e aceitação de riscos) foram obtidos pela soma geral dos pontos e estão expressos no Quadro 4 do Anexo L

A aplicação do teste da vitalidade permitiu avaliar o sistema de convicções dos participantes da pesquisa sobre si mesmos, do mundo e das relações com o mundo. O teste abrange três componentes, envolvimento, controle e aceitação de riscos, que são analisados independentes entre si e no seu conjunto, através do fator de vitalidade. Tais fatores, que contribuem para o surgimento da tensão interna em situações de estresse, permitem avaliar a resistência às situações estressantes e a sua minimização, por percebê-los insignificantes.

A Figura 13 apresenta os resultados médios obtidos para os três estratos da pesquisa, nas variáveis, envolvimento, controle, aceitação de riscos e medida geral de vitalidade.

**Figura 13:** Gráfico demonstrativo do nível de vitalidade



**Fonte:** Pellegrini, 2014

A variável *envolvimento* demonstra o interesse da pessoa com o que está acontecendo e, em consequência, proporciona máxima chance de encontrar algo valioso e interessante, o prazer no que está sendo desenvolvido. Contrariamente, o indivíduo com ausência de tal interesse gera um sentimento de rejeição, como se a pessoa estivesse “fora da vida”.

Considerados os resultados obtidos, pode-se inferir que o fator *envolvimento* do grupo de respondentes R1, ou seja, das pessoas que trabalham porque gostam apresenta-se ligeiramente superior à média dos respondentes do grupo R3. O grau menor de envolvimento é constatado no grupo das pessoas que trabalham porque precisam. Diante de tais resultados, pode-se inferir que as pessoas que continuam trabalhando porque gostam tem como característica o interesse e o prazer nos acontecimentos que os cercam, seguidos, em grau ligeiramente menor, pelos respondentes do grupo estrato R3, constituídos das pessoas que gostariam de continuar trabalhando, mas que tiveram que parar por algum motivo alheio a sua vontade.

Os resultados obtidos na variável *controle*, nos três estratos pesquisados são semelhantes, com ligeira variabilidade no grupo das pessoas que continuam trabalhando porque gostam. Este fator representa a convicção da pessoa de que pode influenciar nos resultados do que está sendo desenvolvido, mesmo que não seja um controle absoluto ou de sucesso garantido. Como resultado, são pessoas que possuem o componente de controle sobre o que estiver sendo desenvolvido, sentem-se responsáveis pelas escolhas das suas atividades e do seu caminho.

Os resultados obtidos no fator *aceitação de riscos* mostram que os respondentes do estrato R1 tem uma disposição maior para a aceitação de riscos em relação aos demais estratos. Os resultados demonstram que a assimilação dos conhecimentos extraídos das experiências contribuem para o seu desenvolvimento futuro. A vida, para tais pessoas, é uma fonte de aquisição de conhecimentos e demonstram que estão preparadas para agir por conta própria em situações de incerteza de sucesso. Contrariamente, o grupo das pessoas que trabalham porque precisam, apresentam um grau menor de aceitação de riscos e, portanto, estão menos preparadas para agir em situações incerteza.

Os três componentes do teste, envolvimento, controle e aceitação de riscos, utilizados em conjunto, resultaram na *medida geral de vitalidade*. As informações decorrentes da aplicação do teste revelam que o fator de vitalidade é maior nos grupos pertencentes aos estratos R1 e R3, que apresentam, respectivamente, um fator médio de 100,3 e 100,4.

Pode-se então, inferir, que as pessoas dos estratos R1 e R3, por apresentarem um maior fator de vitalidade, têm um estilo de personalidade que se propõe a ter um efeito moderador maior no cuidado com a preservação da saúde, maior nível de capacidade de trabalho e de enfrentamento de condições estressantes.

### **3.5 Análise do processamento estatístico**

Os resultados dos testes de Nível de Neurotização, Nível de Controle Subjetivo e Nível de Vitalidade foram tratados estatisticamente através de análises descritivas e de correlação.

#### **3.5.1 Análise descritiva**

Para a aplicação dos métodos da análise estatística descritiva, foram calculadas a média geral, a média para cada estrato da amostra e as médias por sexo entre todas as variáveis. Os estratos da amostra R1, R2 e R3 são tratados nesta secção como Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3,

respectivamente. O demonstrativo encontra-se no Quadro 5, ANEXO M. As diferenças significativas constatadas na análise descritiva por médias são apresentadas a seguir.

Na comparação entre os estratos de amostra, o grau de significância mais importante está na variável Aceitação de Riscos (0,002) do Teste de Vitalidade, seguidas das paredes Internalidade da Esfera dos Fracassos - IF (0,008), Internalidade no que se refere à Saúde e à Doença -IS (0,020), Internalidade da Esfera das Relações Familiares - IFam (0,042), Internalidade na Esfera das Relações Interpessoais - IPr (0,043), todas do teste de Controle Subjetivo.

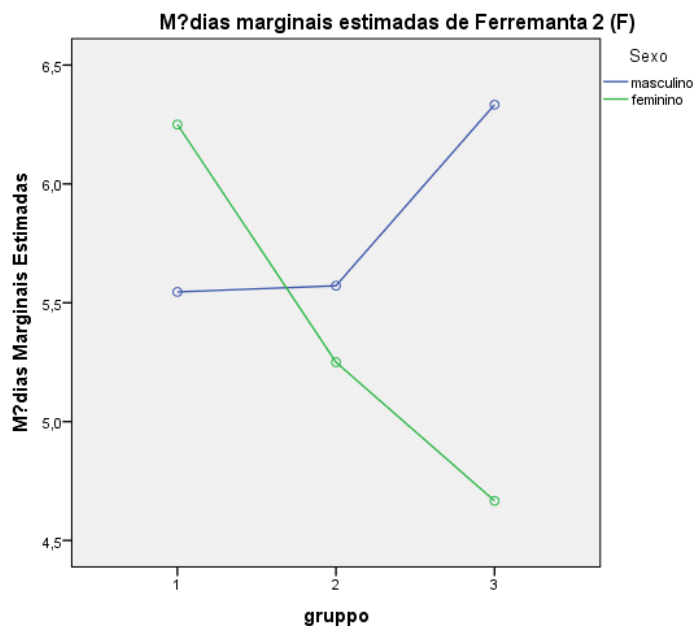
Nos resultados de significância no que se refere aos resultados comparados por sexo nos três grupos, o grau de significância mais representativo é no Nível de Neurotização (0,003), seguido da parede Internalidade na Esfera das Relações Familiares - IFam (0,074) e Internalidade na que se refere à Saúde e à Doença - IS (0,087).

Quando comparados os resultados da análise por sexo nos três grupos, somente a Internalidade da Esfera das Relações Familiares - IFam apresentou um grau de significância de 0,045.

A aplicação do teste Post Hoc, possibilitou medir o grau de significância nos três grupos da amostra, quando analisados por sexo.

A Figura 14 mostra um comportamento diferente nos três grupos, quando comparados por sexo. A média marginal do grupo um é superior no sexo feminino, o que se inverte no grupo dois e permanece, porém com uma maior diferença no grupo três.

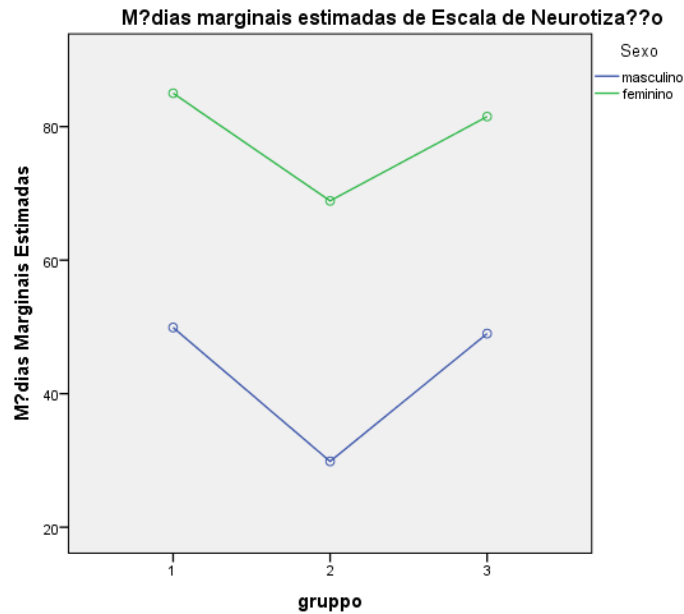
**Figura 14:** Médias marginais estimadas da Ferramenta 2 (F)



**Fonte:** Pellegrini, 2014

A Figura 15 mostra que as médias marginais no que se refere à Escala de Neurotização na comparação entre os sexos, não apresentam diferenças significativas entre os três grupos, sendo, entretanto, superiores.

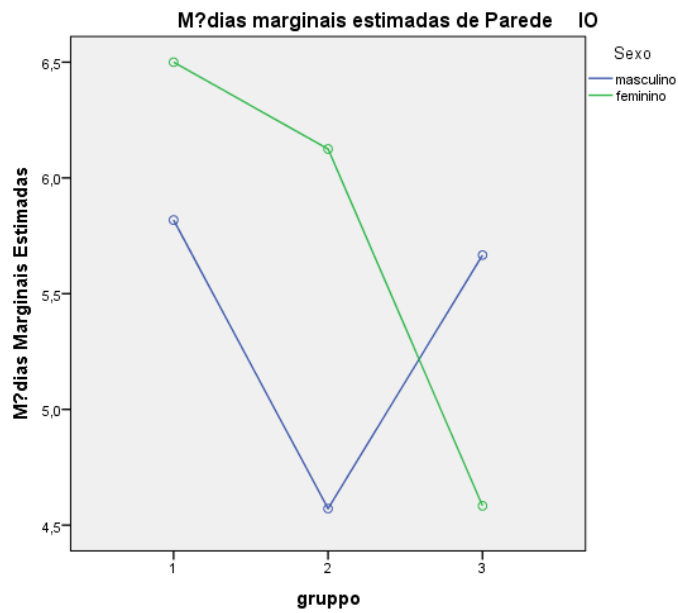
**Figura 15:** Médias marginais estimadas da Escala de Neurotização



**Fonte:** Pellegrini, 2014

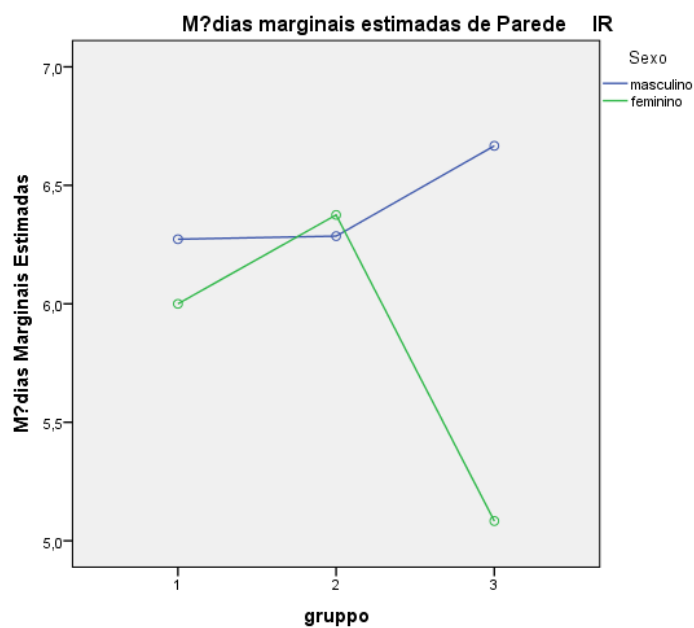
O teste do Controle Subjetivo, analisado nas suas diferentes variáveis estão apresentados a seguir. A Figura 16 demonstra que as médias marginais por sexo são semelhantes no grupo um, ligeiramente maiores no grupo dois e invertidas no grupo três, no que se refere a Parede IO (Internalidade Geral). Nota-se uma média marginal baixa do nível de controle subjetivo da personalidade entre os respondentes do sexo masculino no grupo dois.



**Figura 16:** Médias marginais estimadas de Parede IO

**Fonte:** Pellegrini, 2014

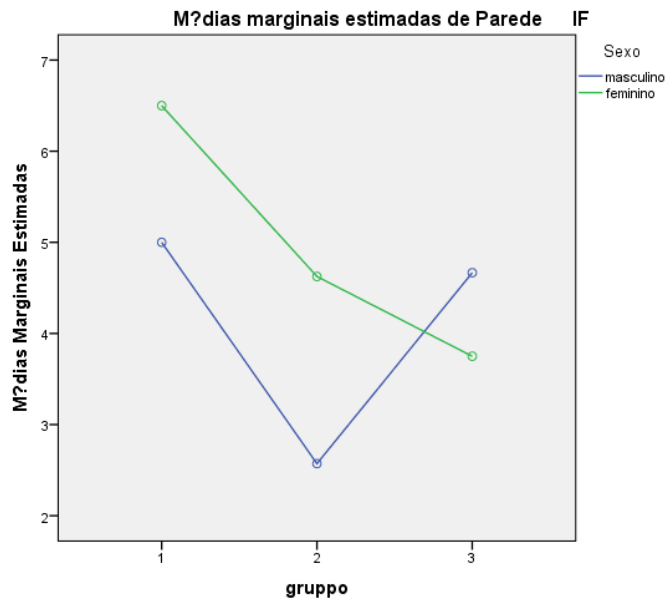
Na Internalidade na Esfera das Realizações (IR), as médias marginais do primeiro grupo apresentam uma diferença pouco significativa entre os sexos. São menores ainda no grupo dois, porém os dados se invertem se comparados com o primeiro grupo. Já no terceiro grupo a diferença é maior e o sexo masculino apresenta um nível de controle subjetivo da personalidade na Esfera das Realizações sensivelmente superior (Figura 17).

**Figura 17:** Médias marginais estimadas de Parede IR

**Fonte:** Pellegrini, 2014

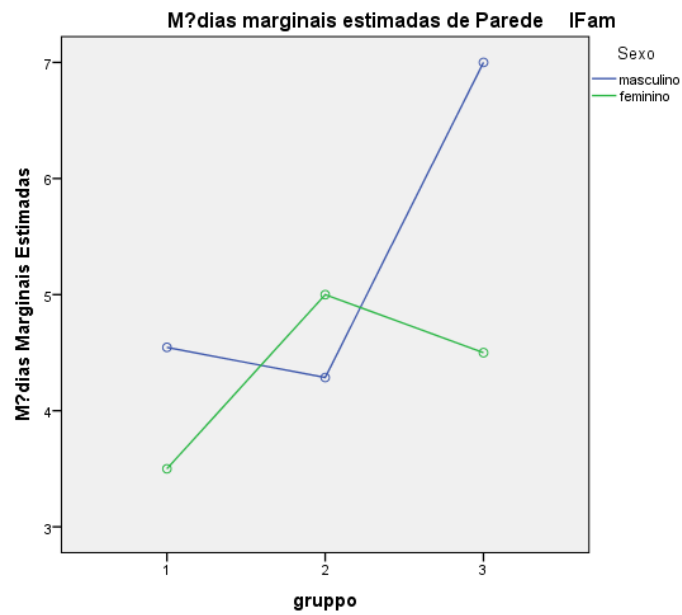
Na Internalidade na Espera dos Fracassos (IF) o comportamento das médias marginais por sexo é semelhante nos grupos um e dois, e se invertem no terceiro grupo, onde os valores para o sexo masculino são maiores (Figura 18).

**Figura 18:** Médias marginais estimadas de Parede IF



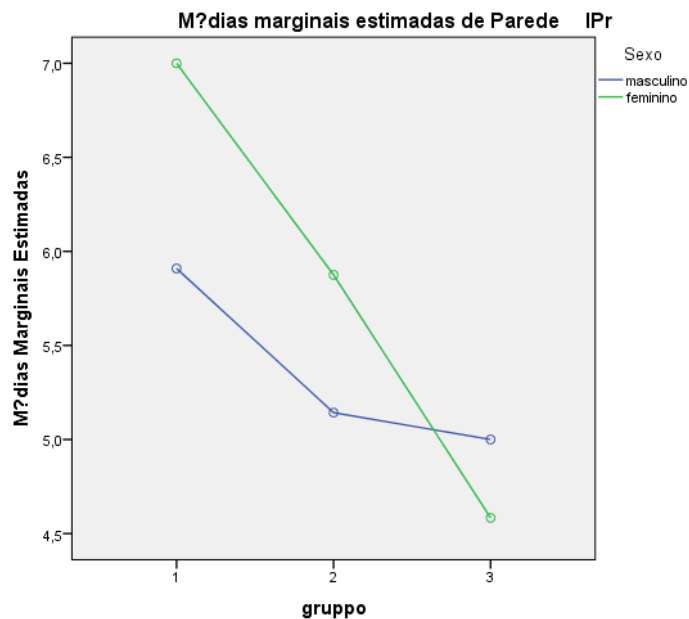
**Fonte:** Pellegrini, 2014

Na esfera das relações familiares, a média marginal no grupo mostra uma diferença pequena nos dois sexos, sendo maior a média masculina nos grupos um e três. É significativa a diferença entre as médias dos sexos no grupo três, quando a média do sexo masculino distancia-se da média marginal do sexo feminino (Figura 19).

**Figura 19:** Médias marginais estimadas de Parede IFam

Fonte: Pellegrini, 2014

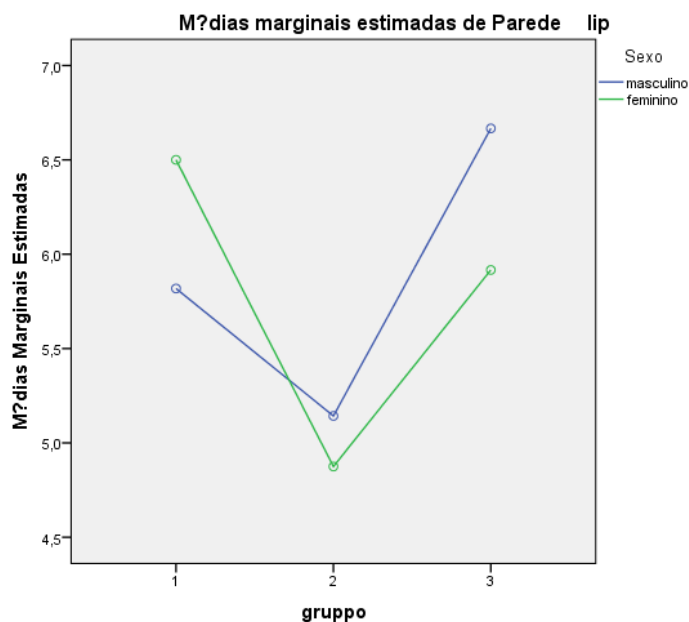
No que se refere às Relações Profissionais (IPr), as médias marginais mostram diferenças entre os sexos nos três grupos, sendo a maior no grupo um, cujo resultado aponta o sexo feminino com o nível mais alto de controle subjetivo da personalidade nas relações profissionais. Somente no grupo três observa-se que os valores não superiores no sexo masculino (Figura 20).

**Figura 20:** Médias marginais estimadas de Parede IPr

Fonte: Pellegrini, 2014

No que se refere às relações interpessoais, no primeiro grupo o sexo feminino apresenta uma média marginal maior e se inverte nos grupos dois e três, quando as médias do sexo masculino são maiores (Figura 21).

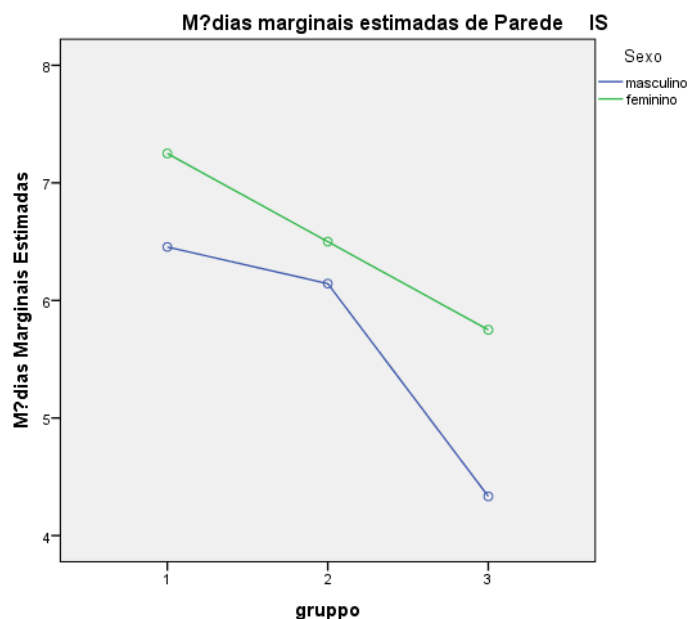
**Figura 21:** Médias marginais estimadas de Parede Iip



Fonte: Pellegrini, 2014

A variável Internalidade no que se refere à Saúde e à Doença apresenta uma média marginal maior para o sexo feminino nos três grupos, sendo a maior diferença no grupo três e a menor, no grupo dois, o que denota ter os respondentes do sexo feminino um maior controle subjetivo da personalidade no que diz respeito à saúde e à doença (Figura 22).

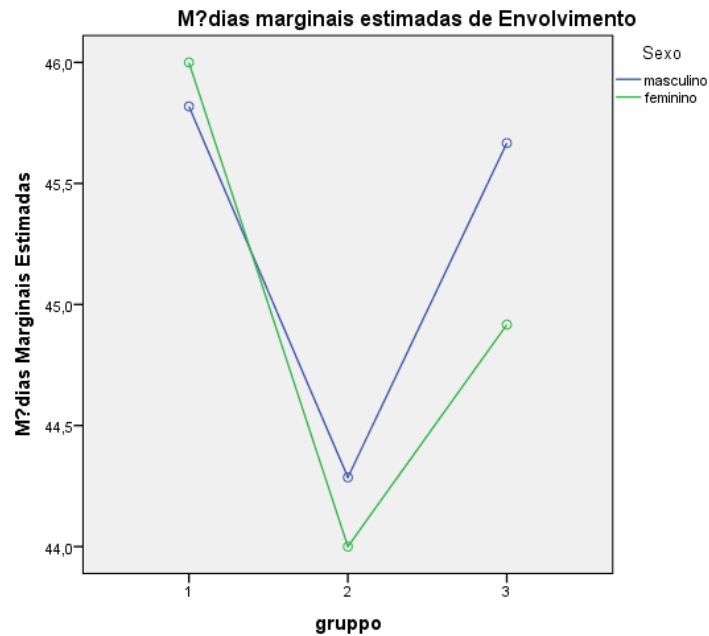
**Figura 22:** Médias marginais estimadas de Parede IS



Fonte: Pellegrini, 2014

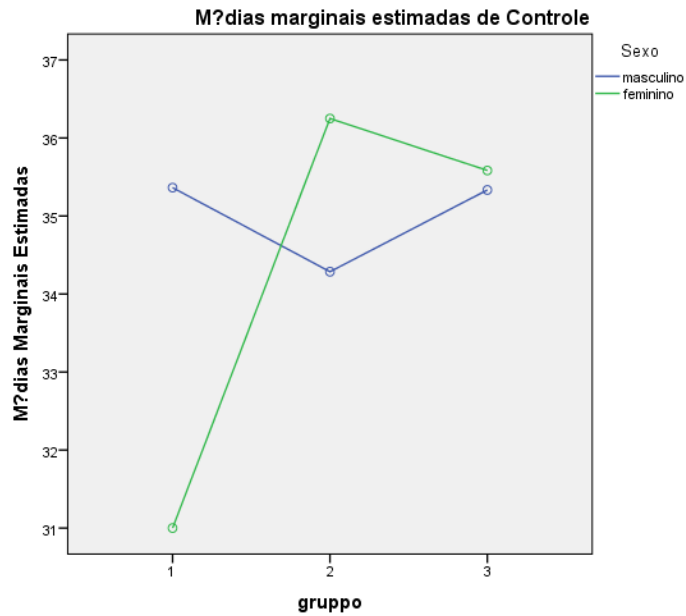
Na variável Envolvimento, as médias marginais apresentam pequenas diferenças entre os sexos nos três grupos. Entretanto, as médias são maiores nos grupos um e três. A média marginal do sexo feminino é maior no grupo um (Figura 23).

**Figura 23:** Médias marginais estimadas de Envolvimento



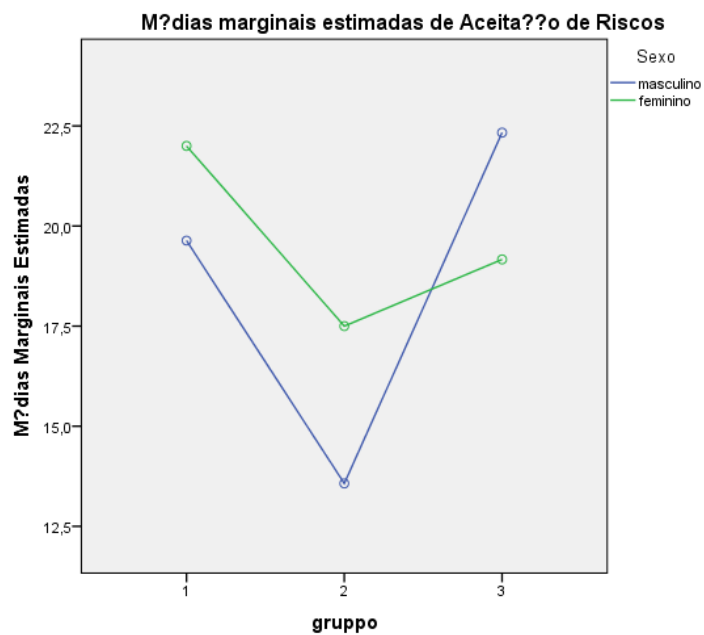
**Fonte:** Pellegrini, 2014

No que se refere à variável Controle, no grupo um, é significativa a diferença das médias marginais entre os sexos, onde a média do sexo masculino é superior. No grupo dois, a diferença é menor, porém maior para o sexo feminino e, no grupo três, as diferenças são pouco significativas, mantendo-se superior para o sexo feminino (Figura 24).

**Figura 24:** Médias marginais estimadas de Controle

Fonte: Pellegrini, 2014

As médias marginais da variável Aceitação de Riscos nos grupos um e dois são semelhantes e maiores no sexo feminino. No grupo, três as médias se invertem com maior valor para o sexo masculino (Figura 25).

**Figura 25:** Médias marginais estimadas de Aceitação de Riscos

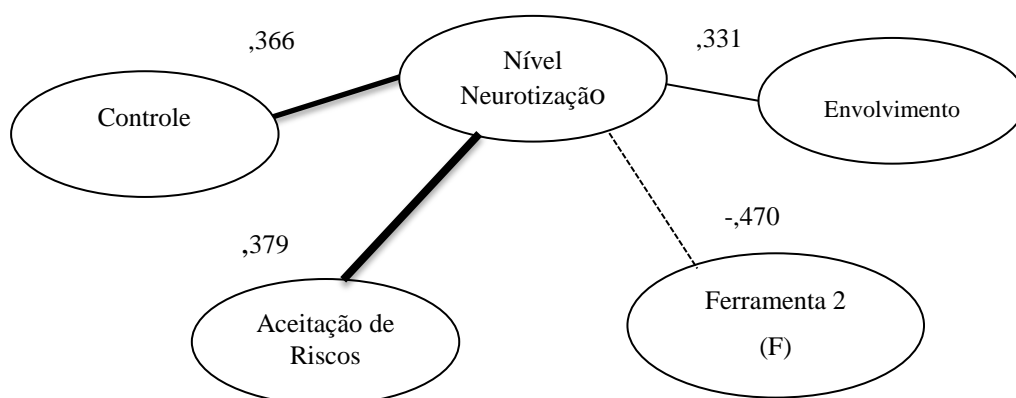
Fonte: Pellegrini, 2014

### 3.5.2 Análise de correlação

No âmbito da pesquisa realizada foi aplicada a análise de correlação para verificar a correlação entre as variáveis, objeto do estudo (Quadro 6, ANEXO N).

O Teste de Neurotização apresentou uma correlação negativa em relação à Ferramenta 2 (F) que representa a escala da Insinceridade e positiva com as variáveis Envolvimento, Controle e Aceitação de Riscos, todas do Teste de Vitalidade. Esta correlação demonstra que resultados obtidos no Teste de Neurotização terão variação semelhante nos resultados do teste de Vitalidade. e inversos em relação à escala de Insinceridade (Figura 26).

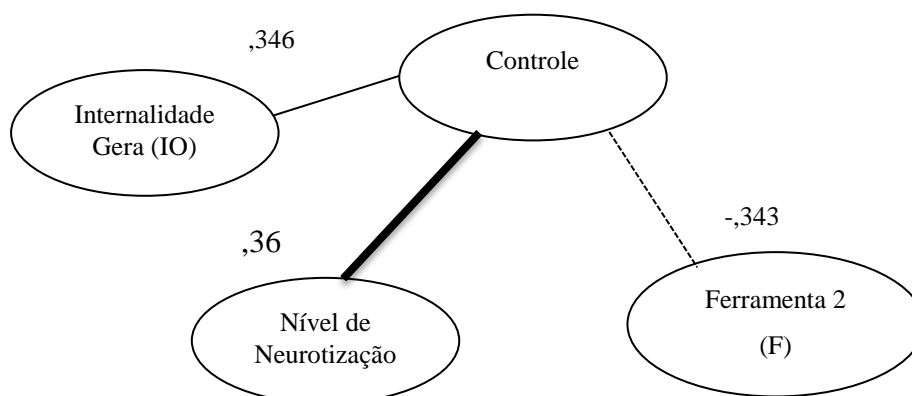
**Figura 26:** Plêiades de Correlação do Nível de Neurotização



Fonte: Pellegrini, 2014

A variável Controle do Teste de Vitalidade demonstra correlação como o Nível de Neurotização e com o Nível de Controle Subjetivo, no que se refere ao parâmetro de Internalidade Geral (IO). É correlacionada inversamente com a Ferramenta 2 (F), da Escala da Insinceridade (Figura 27).

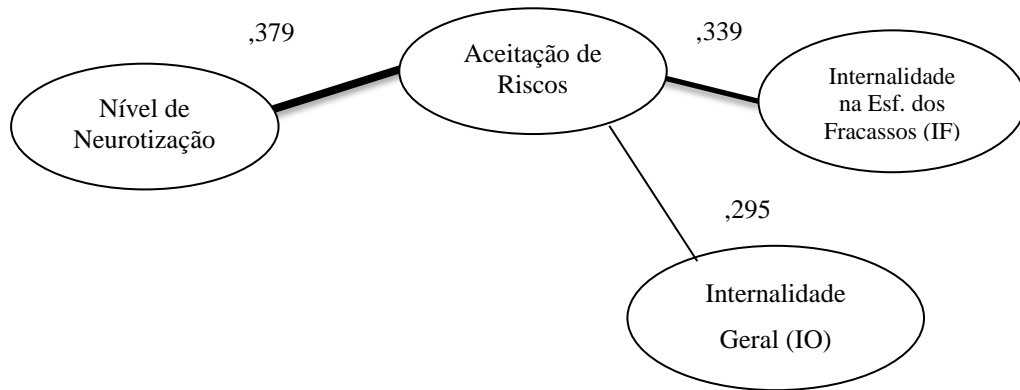
**Figura 27:** Plêiades de Correlação do Nível de Controle



Fonte: Pellegrini, 2014

Em se tratando do parâmetro Aceitação de Riscos do Teste de Vitalidade, verificou-se uma correlação significativa com o Teste de Neurotização, Internalidade na Esfera dos Fracassos (IF) e Internalidade Geral, ambos do Teste de Controle Subjetivo (Figura 28).

**Figura 28:** Plêiades de Correlação de Aceitação de Riscos



**Fonte:** Pellegrini, 2014

Os resultados demonstram ainda, uma correlação negativa entre a Idade e o parâmetro da Internalidade na Esfera das Relações Profissionais do Teste de Controle Subjetivo.

Constatou-se uma correlação negativa entre a Internalidade Geral (IO) do Teste do Controle Subjetivo e a variável Idade. Entretanto, a correlação é positiva em relação às variáveis Controle e Aceitação de Riscos do Teste do Nível de Vitalidade.



## CONCLUSÕES

O sentido do trabalho e os fatores de ordem pessoal que levam profissionais a continuarem trabalhando após o tempo regulamentar para a aposentadoria, bem como as causas que determinam as pessoas que se encontram nesta mesma condição a abandonar o trabalho, foram os principais objetivos deste estudo. A revisão bibliográfica e a análise dos dados de pesquisa permitiram a elaboração das conclusões apresentadas a seguir.

Os autores consultados mostram que, com a fim da vida profissional, as pessoas que não se engajam em outras atividades, sentem falta do reconhecimento social pelo afastamento do mundo produtivo do trabalho. Experimentam conflitos internos e a sensação de improdutividade uma vez que a sociedade abre espaço para os mais jovens que são mais ágeis e eficientes. Com isso, a construção da identidade dos idosos se dá pela oposição à identidade do jovem e também, pela contraposição das qualidades.

De outra forma, o trabalho é um processo que realiza e dignifica o homem, deve permitir uma gradual autonomia que tem como escopo realizar-se a si mesmo. Tem sentido o trabalho que possibilita o crescimento, aperfeiçoamento e a evolução contínua. Nesta condição, o ser humano, no seu fazer e crescer obtém a sua autorrealização.

Observando as respostas emitidas pelos participantes que continuam trabalhando após o tempo regulamentar de aposentadoria (estrato R1 da amostra), identificou-se que essas pessoas saíram de casa dos pais mais cedo, tinham opinião própria na infância e na adolescência, tiveram mais anos de estudo e, atualmente, apresentam maior humor e vitalidade, bem como melhor situação econômica que os participantes dos estratos R2 e R3.

Para obtenção dos dados qualitativos sobre o que os participantes gostariam de mudar em suas vidas e que obstáculos os impedem de fazê-lo, bem como sobre coisas que lhes dão mais prazer na vida atualmente, foram propostas três perguntas dissertativas no questionário autoral. O desejo de mudança e a identificação de obstáculos para alcançá-las são mais altas nos estratos R2 e R3 do que no estrato R1. Na determinação de coisas que proporcionam prazer, há diferenças nos três estratos, sendo mais relevante: o *trabalho* para o estrato R1, o *lazer* e *cultura*, para o estrato R2 e a *família*, para o estrato R3. Também foi incluída uma questão em que o participante deveria indicar o adjetivo que melhor o qualifica como pessoa. Nos três estratos da amostra, *feliz* foi o adjetivo predominante e o adjetivo pessoa *trabalhadora*, obteve o mesmo número de indicações nos estratos R1 e R2.

Em relação ao *nível de neurotização*, dos respondentes cujos questionários foram considerados confiáveis nos três estratos da amostra, foi obtida a classificação de *nível muito baixo*

ou *nível baixo*. Os resultados indicam, de uma maneira geral, tratar-se de um grupo de pessoas com atitudes positivas com a vida, seguras de si, emocionalmente estáveis, otimistas e com alta tolerância a frustrações. Indivíduos que fazem parte desta classificação têm coragem e facilidade de se comunicar com outras pessoas, são, frequentemente, fortes e positivas, atuando, via de regra, como líderes formais ou informais.

Com referência ao nível de *controle subjetivo* constata-se que existem diferenças entre os três estratos da amostra. No grupo das pessoas do estrato R1 observam-se valores altos em todas as variáveis, o que significa alto controle subjetivo da personalidade sobre os acontecimentos importantes da vida, especialmente os de influência externa, alto grau de atividade social, responsabilidade, maturidade e estabilidade da personalidade. Nos participantes do estrato R2 não há homogeneidade nas respostas, apenas três pessoas obtiveram um alto grau de controle subjetivo sobre as variáveis do teste. No grupo R3, observaram-se níveis médios de controle subjetivo da personalidade, evidenciado a característica deste grupo de um controle médio sobre os resultados da própria atividade e da atividade social.

No que diz respeito ao *teste de vitalidade*, se conclui que seus resultados da *medida geral de vitalidade* são semelhantes e maiores nos estratos R1 e R3. Pode-se, então, inferir que os respondentes pertencentes a tais categorias (R1 e R3), têm um estilo de personalidade que apresenta maior cuidado na preservação da saúde, maior capacidade de trabalho e de enfrentar situações em condições de estresse.

O tratamento estatístico dos dados da pesquisa resultou em correlações positivas significativas, de diferentes graus, entre os testes psicológicos aplicados, validando os seus resultados. Da análise descritiva, observou-se que, quando analisados os resultados por sexo, há diferenças, tanto dentro de cada estrato de pesquisa, quanto na consideração da amostra como um todo.

Portanto, o estudo comprova as hipóteses levantadas de que as pessoas com independência econômica, continuam trabalhando após o tempo regulamentar de aposentadoria, por encontrarem no trabalho um sentido de realização. Igualmente, gostariam de continuar trabalhando, os profissionais que deixaram o trabalho ao se aposentarem por motivos alheios a sua vontade, como, a idade avançada, problemas de saúde pessoal e de familiares. O sentido do trabalho é diverso para as pessoas que não adquiriram independência econômica por diferentes motivos e tem que continuar trabalhando.

## RESUMO

Os avanços científicos e tecnológicos determinaram novas formas de organização e provocaram mudanças na natureza do trabalho. Isto levou ao desaparecimento de empregos permanentes que cedeu lugar às tecnologias e extinguiu milhares de vagas afetando diretamente muitas pessoas. Entretanto, o trabalho humano sempre está presente, mesmo nas atividades de tecnologia mais avançada, pois toda a tecnologia terá sempre como autor o ser humano. Assim, o trabalho tornou-se uma categoria central nas relações entre os indivíduos e a sociedade. Esse é um elemento-chave na constituição da identidade social, assumindo significações que vão além da simples venda da força de trabalho por salário. O plano de vida idealizado, a visibilidade, o reconhecimento social, a inserção em grupos, o acesso a direitos sociais e ao consumo envolvem o sentido de autorrealização dos sujeitos. Nesta perspectiva, a presente pesquisa teve por objetivo investigar o sentido do trabalho e os fatores de ordem pessoal que levam profissionais a continuarem trabalhando após o tempo regulamentar para a aposentadoria, bem como as causas que conduzem determinadas pessoas que se encontram nesta mesma condição a abandonar o trabalho, foram os principais objetivos deste estudo. A amostra foi constituída por 45 participantes, distribuídos em três estratos de 15 elementos sendo, respectivamente, por R1 - pessoas que trabalham por qualquer motivo que não o sustento; R2 - pessoas que trabalham para se sustentar; e, R3 - pessoas que tiveram que deixar o trabalho por motivos alheios a sua vontade, pois gostariam de permanecer trabalhando. Para a coleta de dados foram utilizados quatro instrumentos sendo um autoral e três outros instrumentos validados pela UESP, quais sejam: Nível de neurotização; Nível de controle subjetivo e Nível de vitalidade. Todos os questionários foram aplicados pela própria pesquisadora em horários previamente agendados ou por via eletrônica, para os participantes que assim solicitaram. A motivação que impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa está relacionada com a atividade profissional da própria autora. Como professora universitária por mais de três décadas e, atualmente, na coordenação de Cursos de Pós-graduação tenho acompanhado a participação de pessoas de diferentes faixas etárias e em diferentes situações de vida. Observa-se que para algumas pessoas, mesmo com uma idade considerada e com pouco tempo disponível para se dedicar ao estudo de um MBA, por exemplo, porque administram suas empresas, são assíduos às aulas e mantem os trabalhos acadêmicos em dia. Outras pessoas, menos ocupadas, são relapsas até mesmo nas pequenas tarefas acadêmicas. Por isso, o interesse no estudo desenvolvido está focado no segmento das pessoas que permanecem trabalhando profissionalmente, após o tempo regulamentar de aposentadoria. O tema referente ao trabalho e aos aspectos a ele relacionados foi escolhido porque a autora tem desenvolvido um estudo neste campo que suscitou a elaboração e publicação de um artigo. Portanto, esta pesquisa

representa também, o aprofundamento de um tema de interesse particular, mas que pode ter uma repercussão social considerada. As conclusões do estudo apontam que existem diferenças significativas entre os três estratos pesquisados quanto ao sentido do trabalho, pois pessoas que continuam trabalhando após o tempo regulamentar da aposentadoria, embora já tenham conquistado a sua independência econômica, tem no trabalho o sentido da autorrealização. Todas as pessoas que tiveram que, após a aposentadoria, tiveram que deixar de trabalhar por diferentes motivos, gostariam de continuar trabalhando. O sentido é diverso para aqueles que continuam trabalhando por uma premência econômica e que não encontram o mesmo sentido dos demais pesquisados.

**Palavras-chave:** Trabalho; Aposentadoria; Sentido ontológico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez, 2006.

ARISTÓTELES. **A Ética Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 5 out. 1988.

BRASIL. Lei Nº 3.807, de 26 de agosto de 1960. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 5 set. 1960.

BRASIL. Lei Nº 8.212, de 24 de julho de 1991. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 25 jul. 1991.

BRASIL. Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 3 out. 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Tradução de Yadyr A. Figueiredo. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: ed. Da UNB, 2000.

DE MASI, D. **O ócio criativo**: entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

ERIKSON, E. **O ciclo de vida completo**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, B. W.; RIES, B. E. Desenvolvimento psicossocial: Erik Erikson. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Psicologia e educação**: desenvolvimento humano. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FIGUEIREDO, N. C. M. **Interfaces no trabalho voluntário na aposentadoria**. Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4448/000501435.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 nov. 2011.

HOWARD, S. F.; MIRIAM, W. S. **Teorias da personalidade**: da teoria clássica à pesquisa moderna. Tradução Beth Honorato. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE. **Síntese de indicadores sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira – 2012**.

[ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores\\_Sociais/Sintese\\_de\\_Indicadores\\_Sociais\\_2012/SIS\\_2012.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2012/SIS_2012.pdf)  
Acesso em: 20 jun. 2013.

INSTITUTO PRUDENÓPOLIS PREVIDÊNCIA - IPP. **Resumo histórico da previdência social no Brasil**. 2014

[http://www.prudentopolisprevidencia.com.br/institucional/artigo.php?id\\_artigo=5](http://www.prudentopolisprevidencia.com.br/institucional/artigo.php?id_artigo=5)

Acesso em: 14 jan. 2014.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEHR, Úrsula. **Psicologia de la senectud**. Barcelona: Herder, 1980.

LURIA, A. R. **Curso geral de Psicologia**: introdução evolucionista à Psicologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1991. V.1.

MARX, K. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. V1/1.

MASLOW, A. H. **Diário de negócios de Maslow**. Organizado por Déborah C. Stephens. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

MENEGHETTI, A. **Dall'humanesimo storico all'humanesimo perenne**. Rome-Italy: Psicologia Editrice, 2010.

MENGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **O critério ético do humano**. Porto Alegre: Ontopsicológica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, A. M. **O em si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. M. **O projeto homem**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MORIN, E. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.41, n.3, p.8-19, jul./set., 2001.

MERCADANTE, E. Aspectos antropológicos do envelhecimento. In: NETTO, M. P. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu. 1996.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. 2. ed. São Paulo: ALEPH. 1999.

NERI, L. A. **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: SESCSP, 2007.

PACHECO, J. L; CARLOS, S.A. Relações do Homem com o trabalho e processo de aposentadoria. In: FREITAS, E.V.; NERI, A.L. (org.) **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade. In: MORAES, M. **Velhice ou terceira idade?** 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ROMANINI, D. P.; XAVIER, A. A. de P.; KOVALESKU, J. L. **Aposentadoria: período de transformações e preparação.** XXIV Encontro Nac. de Eng. de Produção - Florianópolis, SC, Brasil, 03 a 05 de nov de 2004. <http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/ARTIGOS/69.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2011.

ROTHMAN, I.; COOPER, C. **Fundamentos de Psicologia Organizacional e do trabalho.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

SANTOS, M. de F. de S. **Identidade e Aposentadoria.** São Paulo: EPU, 1990.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência.** Tradução Cintia Regina Pemberton Cancussu. São Paulo: Pioneira Thomson. Learning, 2005.

VIDOR, A. **Opinião ou ciência.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora, 2014. No prelo.

**ANEXOS**



**ANEXO A – Questionário autoral****QUESTIONÁRIO: PESSOAS APOSENTADAS OU EM IDADE DE APOSENTADORIA**

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre o sentido do trabalho, destinada aos estudos desenvolvidos junto à Faculdade de Psicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo. Todas as informações são anônimas e conservadas de modo confidencial. Solicitamos que o Senhor/Senhora responda ao questionário sem deixar nenhuma pergunta em branco. Nas questões objetivas coloque um 'X' na alternativa que melhor representa sua situação e, nas questões dissertativas, expresse seu ponto de vista.

**IDADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**

Nome: \_\_\_\_\_

Sobrenome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos Sexo: ( ) M ( ) F

Estado civil: ( ) casado ( ) solteiro ( ) divorciado ( ) viúvo ( ) outra situação

Você tem filhos? ( ) sim ( ) não

Local onde nasceu: \_\_\_\_\_

Grau de instrução:

( ) Ensino Fundamental incompleto ( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino fundamental completo ( ) Ensino Médio completo

( ) Curso superior incompleto ( ) Curso Superior completo

Nome do Curso: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão \_\_\_\_\_

Pós-graduação: ( ) Especialização / MBA ( ) Mestrado ( ) Doutorado

1. Do ponto de vista legal, a sua situação atual com relação ao trabalho é:
  - a) aposentado pelo INSS;
  - b) aposentado por regime especial (funcionário público, militar, ..);
  - c) aposentado por invalidez;
  - d) aposentado no regime de previdência privada;
  - e) não aposentado.
  
2. Seu rendimento mensal atual enquadra-se nas seguintes categorias:
  - a) até 3 salários mínimos;
  - b) entre 4 e 5 salários mínimos;
  - c) entre 6 e 10 salários mínimos;
  - d) entre 11 e 20 salários mínimos;
  - e) entre 21 e 30 salários mínimos;
  - f) acima de 30 salários mínimos.
  
3. Na situação atual, em qual das alternativas abaixo o Senhor/Senhora se classifica:
  - a) Tenho que trabalhar para poder me sustentar.
  - b) Tenho o necessário para o meu sustento, mas continuo trabalhando por que gosto.
  - c) Não trabalho.
  - d) Gostaria de continuar trabalhando, mas precisei parar por outro motivo. Qual o motivo? \_\_\_\_\_
  
4. Se o Senhor/Senhora continua trabalhando, assinale a alternativa que se aplica à sua situação de trabalho:
  - a) É empregado de empresa pública.
  - b) É empregado e empresa privada.

- c) Tem a sua própria empresa.
- d) Trabalha como autônomo.
- e) Outra situação. Qual? \_\_\_\_\_

5. Se o Senhor/Senhora continua trabalhando, a atividade que exerce atualmente é:
- a) A mesma que exercia antes de se aposentar e na mesma empresa.
  - b) A mesma atividade, porém em outra empresa.
  - c) Uma atividade semelhante a que exercia antes de se aposentar.
  - d) Uma atividade totalmente diferente da que exercia antes de se aposentar.
  - e) Outra situação. Qual? \_\_\_\_\_

## II -- QUESTÕES

6. Em sua família, na ordem de nascimento, você é:
- a) primeiro (a);
  - b) segundo (a),
  - c) terceiro (a);
  - d) filho único(a);
  - e) último filho;
  - f) outro(a).
7. Você viveu na casa onde nasceu:
- a) até os 15 anos;
  - b) entre os 15 e 20 anos;
  - c) até depois dos 20 anos.
8. Quando criança você tinha saúde frágil?
- a) sim;
  - b) difícil dizer;
  - c) não.
9. Você cresceu como uma criança independente?
- a) sim;
  - b) difícil dizer;
  - c) não.
10. Quando você era criança qual o seu adulto de maior referência afetiva:
- a) a mãe;
  - b) o pai;
  - c) avós;
  - d) tios;
  - e) outros \_\_\_\_\_
11. Do ponto de vista dos seus pais o que era mais importante para o seu futuro?
- a) o estudo (conhecimento);
  - b) o sucesso econômico;
  - c) a religião;
  - d) o casamento (família).
12. Na infância com qual pessoa adulta você desejava se assemelhar?
- a) a mãe, o pai;
  - b) um irmão ou primo;

- c) a avó, o avô;
  - d) um tio, uma tia;
  - e) outro\_\_\_\_\_
13. Quando vivia com seus pais, o nível econômico de sua família era:
- a) mais alto do que a média;
  - b) igual a média;
  - c) mais baixo que a média.
14. Atualmente o seu nível de vida é:
- a) mais alto do que a média;
  - b) igual a média;
  - c) mais baixo que a média.
15. Na sua opinião o maior desejo de seus pais em relação ao seu futuro era:
- a) ter uma postura prática em relação à vida;
  - b) ter uma postura otimista em relação à vida;
  - c) ser uma pessoa independente, autônoma;
  - d) ter uma vida familiar feliz;
  - e) alcançar o sucesso no campo profissional.
16. Quando adolescente, você falava com seus pais, sobre seu futuro:
- a) sim;
  - b) raramente;
  - c) não.
17. Quando criança e adolescente você conseguia contrariar a opinião dos seus pais:
- a) sim;
  - b) raramente;
  - c) não.
18. Em média, o número de anos de estudo desde que você entrou na escola primária, até hoje é:
- a) abaixo de 10 anos;
  - b) entre 10 e 15 anos;
  - c) entre 15 e 20 anos;
  - d) acima de 20 anos.
19. Quando estudou no ensino fundamental e no ensino médio você era:
- a) melhor do que os outros;
  - b) na média como os outros;
  - c) pior do que os outros.
20. Na escola você desejava ser melhor do que os outros?
- a) sim;
  - b) não.
21. Se poderia dizer que na sua classe você foi um líder?
- a) sim;
  - b) não;
  - c) as vezes.

22. Para você o seu primeiro trabalho foi:
- a) muito agradável;
  - b) pouco agradável;
  - c) não agradava.
23. Frequentemente o seu humor e a sua vitalidade são:
- a) melhores do que o dos outros;
  - b) médio;
  - c) piores do que o dos outros;
24. O seu nível de atividade e energia frequentemente é:
- a) melhor do que o dos outros;
  - b) médio;
  - c) pior do que o dos outros.
25. Você gostaria de dedicar mais tempo a:
- a) esportes;
  - b) estudo;
  - c) arte;
  - d) viagens.
  - e) outro \_\_\_\_\_.
26. Você está satisfeito com sua vida familiar?
- a) sim, estou satisfeito;
  - b) razoavelmente;
  - c) não muito bem;
  - d) não estou satisfeito;
  - e) difícil de dizer.
27. Que coisas você gostaria de mudar na sua vida atualmente?

---

---

---

28. Quais são os obstáculos que lhe impedem de mudar alguma coisa na sua vida?

---

---

---

---

29. Que coisas lhe dão mais prazer, hoje, na sua vida?

---

---

---

---

30. Qual adjetivo você coloca para completar a frase:

Eu sou uma pessoa \_\_\_\_\_.

**ANEXO B****Questionário – Nível de neurotização**

Nome e sobrenome: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Responda, por favor, as afirmações abaixo, marcando com X a resposta mais adequada - “sim” ou “não” depois de cada frase. Não deixe nenhuma em branco. Obrigada.

Nº	Afirmações	SIM	NÃO
1	Agrada-me que entre meus conhecidos há pessoas influentes, isto dá importância aos meus próprios olhos.		
2	Canso pouco.		
3	Tenho que confessar que às vezes eu me inquietava demais por causa das coisas que na verdade não tinham importância.		
4	Em diferentes partes de meu corpo sinto frequentemente ardor, pontada, «arrepios» ou entorpecimento.		
5	Por vezes, quero xingar.		
6	Por vezes, tinha a sensação de que em frente de mim havia tantas dificuldades que era difícil superá-las.		
7	Meu estômago preocupa-me muito.		
8	Algumas vezes por semana tenho a sensação que deve acontecer algo terrível.		
9	Eu gosto de ir dançar.		
10	Se a multa não me ameaça e não há carros perto, eu posso atravessar a rua onde eu quero, mas não nos lugares definidos (faixa de segurança, por exemplo).		
11	Algumas vezes por semana preocupam-me as sensações desagradáveis na parte de cima da barriga (no epigástrico).		
12	Quase diariamente acontece algo que me assusta.		
13	Noto que é difícil concentrar-me em qualquer tarefa ou trabalho.		
14	Tenho muito menos medos e receios do que meus conhecidos.		
15	Acontece que eu mexerico (fofoca) um pouco com alguém.		
16	A vida para mim quase sempre está ligada à tensão.		
17	Em nossa época somente as pessoas ingênuas podem crer na vida depois da morte.		
18	Havia períodos que, por causa das inquietações, eu perdia o sono.		
19	Uma vez por semana ou mais frequentemente, sem uma razão evidente, sinto ondas de ardor inesperadamente.		
20	Quando jogo, prefiro ganhar.		
21	Na maioria do tempo estou bem satisfeito com a vida.		

Nº	Afirmações	SIM	NÃO
22	O trabalho me dá muita tensão.		
23	Tenho períodos de inquietação tão forte que não posso estar sentado num lugar.		
24	Frequentemente tenho as dores de cabeça muito fortes.		
25	Por vezes estou bravo e zangado.		
26	Quando visito alguém, mais frequentemente estou sentado num lado ou falo com alguém sozinho, do que participo nas diversões comuns.		
27	Tenho explosões de excitação e inquietação fortes uma vez por semana ou até mais frequentemente.		
28	Tenho dores no coração ou no peito muito raramente (ou não tenho absolutamente).		
29	Podendo, tento evitar grandes concentrações de pessoas.		
30	É verdade que minhas maneiras de comportamento à mesa em casa não são tão boas como quando visito alguém.		
31	Estou bem seguro de mim.		
32	Frequentemente me irrita porque sou tão irritável e rabugento.		
33	Quase todas as noites, tenho pesadelo.		
34	De vez em quando minha cabeça trabalha mais lentamente que habitualmente.		
35	Às vezes, quando não me sinto bem, estou irritável.		
36	Às vezes eu estou tão excitado que adormeço com dificuldade.		
37	A luta mais difícil para mim é a luta contra mim mesmo.		
38	Frequentemente tenho reflexões tristes.		
39	Tenho pouca segurança em mim mesmo.		
40	Acontece que a piada indecente ou obscena me faz rir.		
41	Eu raramente sinto sufoco e não tenho palpitação forte no coração.		
42	Agora me sinto melhor do que há algum tempo.		
43	Por vezes eu me esgotava porque me sobrecarregava muito de tarefas.		
44	Quase sempre tenho a sensação de inquietação por alguém ou algo.		
45	Entre meus conhecidos há quem não me agrade.		

## ANEXO C

## Questionário – Nível de controle subjetivo

**Instrução:** Leia com atenção cada das afirmações e indique no impresso das respostas:

<b>+3 concordo completamente</b>	<b>-3 absolutamente não concordo</b>
<b>+2 concordo</b>	<b>-2 não concordo</b>
<b>+1 antes concordo que não concordo</b>	<b>-1 antes não concordo que concordo</b>

1. A promoção profissional depende mais da ocasião feliz (sorte) do que das capacidades e faculdades da pessoa.
2. A maioria dos divórcios acontece porque as pessoas não querem se adaptar uma a outra.
3. A doença acontece por acaso, se é predestinado cair doente, não se pode fazer nada.
4. As pessoas são solitárias porque mesmas não revelam interesse e amizade para outros.
5. A realização de meus desejos depende frequentemente da sorte.
6. Não vale a pena empreender os esforços para ganhar a simpatia de outras pessoas.
7. As condições externas (circunstâncias) – pais e bem-estar – influem sobre a felicidade familiar nem menos que as relações dos cônjuges.
8. Sinto frequentemente que influencio pouco sobre o que acontece comigo.
9. Em regra, os chefes são mais eficazes quando controlam as ações dos subordinados por completo, mas não contam com a autonomia deles.
10. Minhas notas na escola mais frequentemente dependiam das circunstâncias ocasionais (por exemplo, do humor do professor), mas nem de meus esforços.
11. Quando faço planos, em geral creio que posso realizá-los.
12. O que parece a muitas pessoas sorte ou fortuna, na verdade é o resultado de muitos esforços orientados para o objetivo concreto.
13. Penso que o estilo correto da vida pode apoiar a saúde mais do que os médicos e os remédios.
14. Se as pessoas não são convenientes uma para outra, elas não poderão organizar a vida familiar, por mais que tentem.
15. Todo o bem que eu faço habitualmente se avalia altamente por outros.
16. Crianças amadurecem de acordo com a maneira de educação que lhes dão os pais deles.
17. Penso que a sorte e o caso não desempenham o papel principal na minha vida.
18. Tento não planejar o futuro afastado, porque muito depende das circunstâncias.
19. Minhas notas na escola mais dependiam dos meus esforços e do nível de preparação.
20. Nos conflitos familiares eu mais frequentemente sinto a minha culpa do que a culpa da outra parte.
21. A vida da maioria das pessoas depende das circunstâncias.
22. Prefiro ter tais chefes que me permitem definir independentemente o que e como fazer.
23. Penso que meu estilo da vida de modo nenhum é a razão de minhas doenças.
24. Em regra, são as circunstâncias más que impedem as pessoas de adquirir o sucesso profissional.
25. No final de contas, pela gestão má da organização são responsáveis as pessoas que trabalham nela.
26. Frequentemente sinto que não posso mudar nada nas relações que estão estabelecidas na família.
27. Se eu quiser, poderei atrair qualquer pessoa.

28. Sobre a geração jovem influem tão muitas circunstâncias que os esforços educacionais dos pais frequentemente são inúteis.
29. O que acontece comigo é o resultado de minhas ações.
30. É difícil compreender porque os dirigentes atuam desta maneira, mas nem de outra.
31. A pessoa que não pôde ter sucesso no seu trabalho, provavelmente não empreendia bastantes esforços.
32. Mais frequentemente posso fazer os membros da minha família o que eu quero.
33. Mais frequentemente outras pessoas tiveram culpa que eu das desgraças e das falhas que tive na minha vida.
34. Sempre se pode proteger a criança contra a constipação se tratá-la e vestir corretamente.
35. Nas condições difíceis prefiro esperar até os problemas se resolverem por si mesmos.
36. O sucesso é o resultado do trabalho persistente e pouco depende do caso e da sorte.
37. Sinto que de mim mais de que de outra pessoa (quem quer que seja) depende a felicidade da minha família.
38. Sempre era difícil compreender para mim porque eu agrado a umas pessoas e não agrado a outras pessoas.
39. Sempre prefiro tomar a resolução e agir independentemente, mas não contar com a ajuda de outras pessoas ou com a sorte.
40. Infelizmente, os méritos da pessoa nunca ficam reconhecidos apesar de todos os esforços dela.
41. Na vida familiar acontecem tais situações que não se pode resolver se bem o desejo de fazê-lo seja muito grande.
42. As pessoas capazes que não podem realizar suas possibilidades devem culpar só si mesmas.
43. Muitos meus sucessos eram possíveis só graças à ajuda de outros.
44. A maioria de fracassos na minha vida aconteceu por causa da incapacidade, preguiça e pouco dependia da sorte ou de azar.



## ANEXO D

## Questionário - Nível de vitalidade

Responda, por favor, às perguntas seguintes, indicando com o sinal a resposta que reflete sua opinião de melhor maneira.

Nº	Questões	Não	Antes não	Antes sim	que não	Sim
1	Frequentemente não estou certo nas minhas forças					
2	Por vezes me parece que todos estão indiferentes para comigo					
3	Frequentemente, até quando dormi bem, eu com dificuldade me faço levantar-me da cama.					
4	Estou ocupado constantemente e eu gosto disto.					
5	Frequentemente prefiro “seguir a corrente”.					
6	Modifico meus planos de acordo com as circunstâncias.					
7	Irritam-me os eventos por causa dos quais eu estou obrigado de modificar o horário					
8	As dificuldades imprevistas por vezes me fazem estar cansado.					
9	Sempre controlo a situação tanto quanto isto é necessário.					
10	Às vezes estou tão cansado, que já nada pode interessar-me.					
11	Às vezes tudo o que eu faço me parece inútil.					
12	Tento estar a par de tudo o que se passa.					
13	Mais vale um pássaro na mão que dois a voar.					
14	À noite frequentemente me sinto completamente debilitado					
15	Prefiro colocar em frente de mim as metas difíceis de obter e alcançá-las					
16	Às vezes me assustam as ideias sobre o futuro.					
17	Sempre estou certo que poderei aplicar na vida o que elaborei na mente					
18	Parece-me que não vivo uma vida completa, mas só desempenho o papel					
19	Parece-me que se no passado tivesse tido menos desilusões e menos decepções, eu teria sido mais feliz					
20	Os problemas surgindo frequentemente me parecem não ter a solução					
21	Sofrendo a derrota, vou tentar tirar desforra.					
22	Gosto de travar conhecimento com as pessoas novas.					

23	Quando alguém diz que a vida é chata, isto significa que ele				
24	Sempre tenho algo para fazer.				
25	Sempre posso influir sobre o resultado do que está passando agora				
26	Frequentemente tenho pena do que foi feito.				
27	Se o problema exige mais esforços, prefiro pô-lo de parte até os				
28	Tenho dificuldade de lidar com outras pessoas.				
29	Em regra as pessoas ao redor de mim me ouvem com atenção.				
30	Se eu pudesse, mudaria muito no passado.				
31	Bastante frequentemente adio para amanhã o que é dificilmente				
32	Parece-me que a vida passa por mim .				
33	Meus sonhos raramente se realizam.				
34	As coisas imprevistas me dão o interesse para com a vida .				
35	Por vezes me parece que todos meus esforços estão em vão				
36	Às vezes sonho com a vida lenta e cadenciada.				
37	Falta-me a persistência de finalizar o que comecei.				
38	Acontece que a vida me parece aborrecida sem cores.				
39	Não tenho a possibilidade de influenciar sobre os problemas				
40	As pessoas me subestimam.				
41	Como de costume, trabalho com desejo.				
42	Às vezes me sinto desnecessário mesmo entre os amigos.				
43	Acontece que tenho tantos problemas que não sei o que fazer				
44	Os amigos me respeitam pela tenacidade e inexorabilidade.				
45	Eu começo a aplicar as ideias novas com o prazer.				

## ANEXO E

Quadro 1 – Respostas das questões 27 a 30 do questionário autoral

	<b>27 Que coisas você gostaria de mudar na sua vida atualmente?</b>	<b>28 Quais são os obstáculos que lhe impedem de mudar alguma coisa na sua vida?</b>
R1-1	Dedicar mais tempo em caminhadas, leituras, ouvir música, participar de momentos de recolhimento e reflexão espiritual	Os compromissos profissionais (trabalho)
R1-2	No momento nada	Aceito a vida como consegui construí-la
R1-3	Mudar para uma cidade que tenha melhor qualidade de vida	A localização da minha empresa
R1-4	Faço aquilo que quero, sigo o meu projeto, nada tenho a mudar, somente trato de evoluir sempre enquanto tenho potencial disponível, vontade e disposição	Não existem obstáculos
R1-5	Gostaria de ter mais tempo para o ócio criativo	O apego ao trabalho. Falta de domínio de línguas estrangeiras.
R1-6	Reduzir o trabalho para poder viajar mais	Não tenho obstáculos
R1-7	O hábito de pinicar as pessoas, uma certa agressividade apreendida em casa.	A Preguiça e a procrastinação
R1-8	Não gostaria de mudar	Não existe obstáculos
R1-9	Nada a mudar	Sem Obstáculos
R1-10	Ter mais tempo e recursos financeiros para viajar mais	Tempo e dinheiro
R1-11	Está tudo bem, a mudança mais radical já aconteceu	Não existem
R1-12	Nada a mudar	NR

R1-13	Ter disposição para uma vida social mais intensa, com um círculo de amizades nesse âmbito	O envolvimento com familiares descendentes e a falta de companheirismo da esposa para determinadas atividades
R1-14	Tudo bem	Não existem obstáculos
R1-15	Nada	Não existem
R2-1	Morar em apartamento próprio	Dinheiro e tempo
R2-2	Nenhuma	Nenhuma
R2-3	Ter uma aposentadoria melhor	Idade
R2-4	Nada	Não tenho
R2-5	Ver a independência econômica de meus filhos. Encontrar mais parceiros para minha empresa	Gostaria de poder reduzir minha carga de trabalho, que eu amo, mas que é, muitas vezes, excessivo
R2-6	Muitas coisas, mas não depende só de mim	O apoio do meu marido
R2-7	Ter uma aposentadoria melhor	Idade
R2-8	O tipo de trabalho	Os encargos familiares
R2-9	Ter 20 anos a menos	Compromissos financeiros
R2-10	Ser melhor aposentado, e poder faturar, ou melhor, sobrar um pouco mais na minha empresa	Talvez a idade, um pouco de receio de fazer alguma coisa que não vá dar certo
R2-11	De trabalho	A mudança de cidade
R2-12	Atualmente eu gostaria de dedicar mais tempo ao estudo, a viagens e principalmente a família	O tempo e os compromissos pessoais
R2-13	Fazer mais atividades físicas	Muitas atividades e falta de prioridades
R2-14	Minha vida conjugal	Nenhuma
R2-15	Dedicar-me mais ao trabalho religioso	Aspectos burocráticos da igreja, circunstâncias
R3-1	Nada	Nada
R3-2	Desejo de voltar a trabalhar	Sem oferta de trabalho, devido à idade
R3-3	Ter mais tempo para mim	Compromissos assumidos
R3-4	Gostaria de poder mudar de cidade, viajar mais...	Por estar sendo responsável pela minha mãe que sofre de Alzheimer

R3-5	Poder viajar	Enfermidades familiares
R3-6	Participar de trabalho voluntário	Tratamento de saúde
R3-7	Realizar trabalhos voluntários	Problemas de saúde
R3-8	Reduzir a ansiedade e dedicar mais tempo para a leitura e arte	A rotina
R3-9	Força de vontade para atividade física	Problema de saúde - joelhos
R3-10	Voltar a trabalhar	Cuidar meu filho que é especial
R3-11	Gostaria de ser uma pessoa menos descuidada com o futuro das outras pessoas	No meu momento atual preciso me dedicar a minha mãe 24h/dia
R3-12	Estar mais próximo, junto com minha esposa, ao filhos, que moram for a de Santa Maria	Nenhum claramente, mas a vivência e conhecimento da cidade onde sempre vivi, Santa Maria, é um forte apelo para aqui permanecer, principalmente para minha esposa
R3-13	Voltar a ativa, com função administrativa	Econômico
R3-14	Nenhuma	Nenhum
R3-15	Gostaria de ler mais e de produzir mais	O tempo disponível

## ANEXO E

Quadro 1 – Respostas das questões 27 a 30 do questionário autoral (continuação)

	<b>29 Que coisas lhe dão mais prazer, hoje, na sua vida?</b>	<b>30 Qual adjetivo você coloca para completar a frase: "Eu sou uma pessoa..."</b>
R1-1	Sentir meus filhos progredirem e felizes, conviver com minha esposa e auxiliar meus alunos na investigação científica	Feliz
R1-2	A família, o trabalho, a casa no campo e todas as pessoas com quem convivo nesses setores	Bastante feliz
R1-3	Viajar e ensinar	Batalhadora
R1-4	Tudo o que eu faço me dá prazer, de outro modo, não faço	Lutadora
R1-5	Trabalho. Encontrar os amigos. Uma boa leitura ou um bom filme	Otimista
R1-6	Reunir com amigos, viajar e sentir-me útil	Tranquila, responsável
R1-7	Maior prazer e a felicidade de ter encontrado a Ontopsicologia	Às vezes muito feliz e às vezes faço erros contra mim
R1-8	Viajar e trabalhar	Trabalhadora
R1-9	Meu trabalho, família - amigos	Grata à vida - pelo que sou e pelo que tenho (experiências), Grata a meus pais
R1-10	Viajar, trabalhar no que gosto de fazer	Razoavelmente feliz, mas não acomodada
R1-11	A convivência com meus filhos, meus netos e minha namorada	Alegre e feliz
R1-12	O resultado do meu trabalho	Trabalhador
R1-13	A atividade de professor, uma pescaria, um bom churrasco rodeado de familiares e amigos, assistir futebol na TV	Conformada com a vida como ela se apresenta, com momentos alegres e prazerosos e também momentos de tristeza ou frustração no relacionamento familiar

R1-14	Trabalho	De ação
R1-15	Família	Realizada
R2-1	Estar com os filhos e viajar	Otimista
R2-2	Minha vitalidade - força de vontade	Abençoada por Deus
R2-3	Viajar	Feliz e alegre
R2-4	A minha família, meus netos, o meu trabalho	Feliz
R2-5	Prática de exercícios, leitura, ouvir música e viajar	Otimista, bem humorada e determinada
R2-6	Fazer o que estou fazendo, produtos coloniais e artesanatos	Muito mais feliz e livre
R2-7	Viajar	Feliz
R2-8	Trabalho no campo	Mais ou menos feliz
R2-9	Ter um projeto aprovado. Comer e beber algo especial. Ver flores e cultivá-los	Com uma série de qualidades e defeitos
R2-10	A convivência com a família e os amigos	Um pouco frustrada com a vida e os negócios
R2-11	Viajar, estudar	Inquieta
R2-12	O trabalho e a saúde	Feliz
R2-13	Família e o meu trabalho	Feliz
R2-14	Quando viajo	Quieta
R2-15	Realizar celebrações religiosas	Disponível
R3-1	Amizade, convivência com as pessoas	Feliz
R3-2	Família, amigos, viagens, boa comida	Feliz
R3-3	O que faço para minha família me dá prazer	Responsável
R3-4	Poder sair, encontrar amigos	Disposta
R3-5	Vida familiar - viagens	Otimista
R3-6	Oportunidade de viajar	Otimista
R3-7	União da família	Feliz
R3-8	Cuidar das plantas e flores	Positiva
R3-9	Ler fazer artesanato brincar c/ neta, estar junto da família	Que se realizou profissionalmente e tem família que adoro

R3-10	Cuidar da minha família, ter paz de espírito	Simples, sincera e dedicada a família...
R3-11	Saber que fui capaz de me dedicar a minha família com muito amor e carinho sem esperar nada em troca	Feliz
R3-12	Viajar, música, estudo de francês em grupo de amigos, estudos técnicos, grupos de discussão técnica na internet e a vida com minha esposa	Que não posso reclamar da vida e nem da situação financeira
R3-13	Curtir minha casa, minhas filhas e poder participar do grupo que frequento, ajudando e me sentindo útil aos outros	Muito feliz
R3-14	A família	Realizada e feliz
R3-15	Fazer cobertores e os acolhoados para doação, junto das pessoas do grupo e também os grupos de estudo espírita	Abençoada, pois vivo com a família, tenho saúde e posso frequentar os grupos de estudo e trabalho espiritual



**ANEXO F****A chave para o método “Nível de neurotização”****Homens**

<b>Nº</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Nº</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Nº</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
<b>1</b>		<b>F</b>	<b>16</b>	<b>-3</b>	<b>+4</b>	<b>31</b>	<b>+3</b>	<b>-4</b>
<b>2</b>	<b>+2</b>	<b>-1</b>	<b>17</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>32</b>	<b>-2</b>	<b>+3</b>
<b>3</b>	<b>0</b>	<b>+2</b>	<b>18</b>	<b>-2</b>	<b>+4</b>	<b>33</b>	<b>-6</b>	<b>0</b>
<b>4</b>	<b>-3</b>	<b>+2</b>	<b>19</b>	<b>-3</b>	<b>+1</b>	<b>34</b>	<b>-1</b>	<b>+2</b>
<b>5</b>		<b>F</b>	<b>20</b>		<b>F</b>	<b>35</b>		<b>F</b>
<b>6</b>	<b>-1</b>	<b>+2</b>	<b>21</b>	<b>+4</b>	<b>-5</b>	<b>36</b>	<b>-1</b>	<b>+3</b>
<b>7</b>	<b>-2</b>	<b>+1</b>	<b>22</b>	<b>-3</b>	<b>+3</b>	<b>37</b>	<b>-2</b>	<b>+3</b>
<b>8</b>	<b>-7</b>	<b>+2</b>	<b>23</b>	<b>-3</b>	<b>+4</b>	<b>38</b>	<b>-3</b>	<b>+4</b>
<b>9</b>	<b>+2</b>	<b>-1</b>	<b>24</b>	<b>-4</b>	<b>+2</b>	<b>39</b>	<b>-5</b>	<b>+3</b>
<b>10</b>		<b>F</b>	<b>25</b>		<b>F</b>	<b>40</b>		<b>F</b>
<b>11</b>	<b>-4</b>	<b>+1</b>	<b>26</b>	<b>-3</b>	<b>+3</b>	<b>41</b>	<b>+2</b>	<b>-3</b>
<b>12</b>	<b>-8</b>	<b>+1</b>	<b>27</b>	<b>-5</b>	<b>+3</b>	<b>42</b>	<b>+3</b>	<b>-1</b>
<b>13</b>	<b>-4</b>	<b>+4</b>	<b>28</b>	<b>+1</b>	<b>-3</b>	<b>43</b>	<b>-1</b>	<b>+3</b>
<b>14</b>	<b>+3</b>	<b>-2</b>	<b>29</b>	<b>0</b>	<b>+1</b>	<b>44</b>	<b>-2</b>	<b>+3</b>
<b>15</b>		<b>F</b>	<b>30</b>		<b>F</b>	<b>45</b>		<b>F</b>

**A chave para o método “Nível de neurotização”****Mulheres**

<b>Nº</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Nº</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Nº</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
<b>1</b>		<b>F</b>	<b>16</b>	<b>-3</b>	<b>+6</b>	<b>31</b>	<b>+4</b>	<b>-2</b>
<b>2</b>	<b>+4</b>	<b>-2</b>	<b>17</b>	<b>-2</b>	<b>+1</b>	<b>32</b>	<b>-2</b>	<b>+7</b>
<b>3</b>	<b>0</b>	<b>+4</b>	<b>18</b>	<b>-2</b>	<b>+9</b>	<b>33</b>	<b>-9</b>	<b>+1</b>
<b>4</b>	<b>-4</b>	<b>+5</b>	<b>19</b>	<b>-6</b>	<b>+3</b>	<b>34</b>	<b>-1</b>	<b>+4</b>
<b>5</b>		<b>F</b>	<b>20</b>		<b>F</b>	<b>35</b>		<b>F</b>
<b>6</b>	<b>-1</b>	<b>+4</b>	<b>21</b>	<b>+4</b>	<b>-3</b>	<b>36</b>	<b>-2</b>	<b>+7</b>
<b>7</b>	<b>-3</b>	<b>+1</b>	<b>22</b>	<b>-4</b>	<b>+4</b>	<b>37</b>	<b>-2</b>	<b>+4</b>
<b>8</b>	<b>-6</b>	<b>+3</b>	<b>23</b>	<b>-3</b>	<b>+6</b>	<b>38</b>	<b>-3</b>	<b>+6</b>
<b>9</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>24</b>	<b>-3</b>	<b>+3</b>	<b>39</b>	<b>-3</b>	<b>+4</b>
<b>10</b>		<b>F</b>	<b>25</b>		<b>F</b>	<b>40</b>		<b>F</b>
<b>11</b>	<b>-5</b>	<b>+2</b>	<b>26</b>	<b>-2</b>	<b>+2</b>	<b>41</b>	<b>+4</b>	<b>-4</b>
<b>12</b>	<b>-8</b>	<b>+2</b>	<b>27</b>	<b>-4</b>	<b>+5</b>	<b>42</b>	<b>+1</b>	<b>0</b>
<b>13</b>	<b>-4</b>	<b>+4</b>	<b>28</b>	<b>+2</b>	<b>-3</b>	<b>43</b>	<b>-1</b>	<b>+5</b>
<b>14</b>	<b>+2</b>	<b>-1</b>	<b>29</b>	<b>-2</b>	<b>+3</b>	<b>44</b>	<b>-3</b>	<b>+7</b>
<b>15</b>		<b>F</b>	<b>30</b>		<b>F</b>	<b>45</b>		<b>F</b>

**ANEXO G****Gradações dos valores finais do nível de neurotização**

<b>Nível de neurotização</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Nível muito alto	-41 pontos e menos	-81 pontos e menos
Nível alto	-21 a -40	-41 a -80
Nível elevado	-11 a -20	-21 a -40
Nível indeterminado	-10 a +10	-20 a +10
Nível diminuído	+11 a +20	+11 a + 40
Nível baixo	+21 a +40	+41 a + 80
Nível muito baixo	+41 pontos e mais	+ 81 pontos e mais

## Anexo H

Quadro 2 - Escores do teste Nível de neurotização

Respondente	Sexo	Idade	Escala de insinceridade	Escala neurotização
R1-1	Homem	72	2	45
R1-2	Mulher	66	10	43
R1-3	Homem	62	6	47
R1-4	Mulher	66	2	91
R1-5	Mulher	61	9	84
R1-6	Homem	67	2	70
R1-7	Homem	60	9	60
R1-8	Homem	61	9	48
R1-9	Mulher	81	4	122
R1-10	Homem	71	5	48
R1-11	Homem	70	5	56
R1-12	Homem	72	8	20
R1-13	Homem	66	5	42
R1-14	Homem	62	3	50
R1-15	Homem	71	7	63
R2-1	Mulher	61	7	77
R2-2	Homem	64	7	26
R2-3	Mulher	60	2	100
R2-4	Mulher	64	7	48
R2-5	Mulher	66	3	78
R2-6	Mulher	61	5	49
R2-7	Homem	64	3	64
R2-8	Homem	64	8	-33
R2-9	Mulher	64	9	-25
R2-10	Homem	66	2	26
R2-11	Mulher	61	7	112
R2-12	Homem	62	5	62
R2-13	Mulher	60	2	112
R2-14	Mulher	62	7	14
R2-15	Homem	68	7	50
R3-1	Homem	81	3	61
R3-2	Homem	85	4	53
R3-3	Mulher	64	6	83
R3-4	Mulher	61	3	116
R3-5	Mulher	63	5	83
R3-6	Mulher	76	6	81
R3-7	Mulher	72	8	58
R3-8	Mulher	67	3	123
R3-9	Mulher	66	0	116
R3-10	Mulher	60	3	89
R3-11	Mulher	64	7	-24
R3-12	Homem	70	7	53
R3-13	Mulher	60	7	79
R3-14	Homem	60	8	41
R3-15	Mulher	61	5	113

Fonte: Pellegrini, 2014

**ANEXO I****Chaves: Nível do controle subjetivo**

Para calcular o valor «cru (primário)» da escala convém somar as respostas aos pontos nas colunas «+» com seu signo e as respostas aos pontos nas colunas «-» com o signo oposto.

<b>Escala</b>	<b>«+»</b>	<b>«-»</b>
IO	2 4 11 12 13 15 16 17 19 20 22 25 27 29 31 32 34 36 37 39 42 44	1 3 5 6 7 8 9 10 14 18 21 23 24 26 28 30 33 35 38 40 41 43
IR	12 15 27 32 36 37	1 5 6 14 26 43
IF	2 4 20 31 42 44	7 24 33 38 40 41
IFam	2 16 20 32 37	7 14 26 28 41
IPr	19 22 25 31 42	1 9 10 24 30
Iip	4 27	6 38
IS	13 34	3 23

**Convenções:**

IO	Internalidade geral
IR	Internalidade na esfera das realizações
IF	Internalidade na esfera dos fracassos
IFam	Internalidade na esfera das relações familiares
IPr	Internalidade na esfera das relações profissionais
Iip	Internalidade na esfera das relações interpessoais
IS	Internalidade no que se refere à saúde e à doença

**Características primárias estáticas das escalas do questionário Nível do controle subjetivo**

<b>Indicadores</b>	<b>IO</b>	<b>IR</b>	<b>IF</b>	<b>IFam</b>	<b>IPr</b>	<b>Iip</b>	<b>IS</b>
Quantidade dos pontos	44	12	12	10	10	4	4
Médias das escalas	33,4	6,2	8,4	3,6	11,8	2,4	4,4
Desvios estandarizados	23,4	8,3	7,9	7,1	8,1	4,4	3,5

**Transformação dos valores «primários» das escalas nas paredes**

<b>Paredes</b>	<b>IO</b>	<b>IR</b>	<b>IF</b>	<b>IFam</b>	<b>IPr</b>	<b>Iip</b>	<b>IS</b>
<b>1</b>	-132 -14	-36 -11	-36 -8	-30 -12	-30 -5	-12 -7	-12 -6
<b>2</b>	-13 -3	-10 -7	-7 -4	-11 -8	-4 -1	-6 -5	-5 -4
<b>3</b>	-2 9	-6 -3	-3 0	-7 -5	0 3	-4 -3	-3 -2
<b>4</b>	10 21	-2 1	1 4	-4 -1	4 7	-2 -1	-1 0
<b>5</b>	22 32	2 5	5 7	0 3	8 11	0 1	1 2
<b>6</b>	33 44	6 9	8 11	4 6	12 15	2 4	3 4
<b>7</b>	45 56	10 14	12 15	7 10	16 19	5 6	5 6
<b>8</b>	57 68	15 18	16 19	11 13	20 23	7 8	7 8
<b>9</b>	69 79	19 22	20 23	14 17	24 27	9 10	9 10
<b>10</b>	80 132	23 36	24 36	18 30	28 30	11 12	11 12

## ANEXO J

Quadro 3 : Nível de controle subjetivo-valores primários da escala de paredes

Escalas NCS/Paredes	IO	IR	IF	Ifam	Ipr	Iip	IS
R1-1	6	7	6	6	6	6	6
R1-2	6	6	6	5	6	7	6
R1-3	10	8	9	4	9	9	7
R1-4	9	7	10	2	9	9	7
R1-5	7	7	4	4	8	5	10
R1-6	9	10	5	7	7	6	8
R1-7	7	6	6	2	9	7	7
R1-8	8	9	6	7	7	7	7
R1-9	4	4	6	3	5	5	6
R1-10	5	5	7	5	5	6	8
R1-11	4	5	2	3	5	4	7
R1-12	3	4	3	2	5	2	6
R1-13	2	4	3	5	2	6	3
R1-14	5	6	4	3	5	6	6
R1-15	5	5	4	6	5	5	6
R2-1	4	6	1	3	5	5	6
R2-2	6	8	4	7	7	6	5
R2-3	6	6	4	5	5	6	6
R2-4	5	4	4	3	5	2	7
R2-5	7	8	6	7	6	8	7
R2-6	4	5	4	5	5	5	4
R2-7	6	8	3	6	5	6	6
R2-8	4	4	2	3	6	3	7
R2-9	6	5	6	4	7	2	6
R2-10	5	6	4	5	5	6	8
R2-11	9	9	7	6	8	5	8
R2-12	4	9	1	3	5	6	5
R2-13	8	8	5	7	6	6	8
R2-14	3	3	2	2	4	3	6
R2-15	4	6	2	4	4	6	6
R3-1	4	4	3	5	4	8	4
R3-2	6	7	5	7	5	6	6
R3-3	6	7	5	7	5	7	5
R3-4	3	3	3	4	2	6	5
R3-5	4	6	4	4	4	6	6
R3-6	4	4	3	5	4	3	7
R3-7	4	6	2	5	5	5	6
R3-8	4	4	4	3	4	5	4
R3-9	5	6	3	3	5	6	8
R3-10	5	7	4	5	5	6	4
R3-11	5	6	4	4	4	9	5
R3-12	4	6	5	7	4	6	2
R3-13	6	6	3	4	7	5	7
R3-14	7	7	4	7	6	8	5
R3-15	5	2	7	5	6	5	8

Fonte: Pellegrini, 2014.

**ANEXO K****CHAVES DAS ESCALAS DO TESTE DA VITALIDADE**

Para fins de cálculo dos pontos são atribuídos os pontos de 0 a 3 às respostas dos itens diretos (“não” – 0 ponto, “antes não que sim” – 1 ponto, “antes sim que não” – 2 pontos, “sim” – 3 pontos) e os pontos de 3 a 0 às respostas dos itens inversos (“não” – 3 pontos, “sim” – 0 ponto). Depois é calculada a soma geral dos pontos da vitalidade e a dos indicadores para cada uma das 3 subescalas (envolvimento, controle e aceitação de riscos). Os itens diretos e inversos para cada escala são apresentados a seguir:

**Chaves do Teste da Vitalidade:**

	Itens diretos	Itens inversos
Envolvimento	4, 12, 22, 23, 24, 29, 41	2, 3, 10, 11, 14, 28, 32, 37, 38, 40, 42
Controle	9, 15, 17, 21, 25, 44	1, 5, 6, 8, 16, 20, 27, 31, 35, 39, 43
Aceitação de riscos	34, 45	7, 13, 18, 19, 26, 30, 33, 36

**Oscilações médias e padronizadas do indicador geral e das escalas do Teste da Vitalidade:**

Normas	Vitalidade	Envolvimento	Controle	Aceitação de riscos
Oscilação média	80,72	37,64	29,17	13,91
Oscilação padronizada	18,53	8,08	8,43	4,39

## ANEXO L

Quadro 4 - Resultados do teste do nível de vitalidade

Respondente	Escala			
	Envolvimento	Controle	Aceitação de riscos	Vitalidade
R1-1	47	40	24	111
R1-2	41	27	23	91
R1-3	52	41	18	111
R1-4	51	37	26	114
R1-5	48	29	21	98
R1-6	51	47	21	119
R1-7	50	39	20	109
R1-8	33	29	16	78
R1-9	44	31	18	93
R1-10	48	38	20	106
R1-11	53	36	20	109
R1-12	37	28	16	81
R1-13	48	27	14	89
R1-14	41	36	23	100
R1-15	44	28	24	96
R2-1	48	30	15	93
R2-2	51	42	19	112
R2-3	49	42	14	105
R2-4	48	43	16	107
R2-5	51	37	22	110
R2-6	28	32	10	70
R2-7	51	45	16	112
R2-8	36	32	13	81
R2-9	29	28	15	72
R2-10	41	25	10	76
R2-11	48	43	24	115
R2-12	46	37	13	96
R2-13	51	35	24	110
R2-14	44	26	10	80
R2-15	41	33	14	88
R3-1	45	36	21	102
R3-2	47	38	24	109
R3-3	45	30	16	91
R3-4	50	39	26	115
R3-5	40	35	25	100
R3-6	52	41	23	116
R3-7	52	37	22	111
R3-8	49	41	19	109
R3-9	46	37	20	103
R3-10	40	34	13	87
R3-11	32	21	9	62
R3-12	39	28	21	88
R3-13	40	35	18	93
R3-14	51	40	22	113
R3-15	48	41	18	107
Média	45,0	35,0	18,6	98,6

Fonte: Pellegrini, 2014

ANEXO M						
Quadro 5 - Testes de efeitos entre variáveis						
Fonte		Tipo III Soma dos Quadrados	df	Quadrado Medio	F	Sig.
Grupo	Ferremanta 2 (F)	1,669	2	,834	,126	,882
	Escala de Neurotização	2593,209	2	1296,605	1,161	,324
	Parede IO	6,695	2	3,347	1,099	,343
	Parede IR	1,214	2	,607	,186	,831
	Parede IF	31,223	2	15,612	5,460	,008
	Parede IFam	15,970	2	7,985	3,454	,042
	Parede IPr	14,942	2	7,471	3,406	,043
	Parede Iip	12,950	2	6,475	2,216	,123
	Parede IS	18,018	2	9,009	4,324	,020
	Envolvimento	21,473	2	10,736	,236	,791
	Controle	37,264	2	18,632	,480	,622
	Aceitação de Riscos	242,307	2	121,153	7,131	,002
Sexo	Ferremanta 2 (F)	1,607	1	1,607	,243	,625
	Escala de Neurotização	11083,542	1	11083,542	9,923	,003
	Parede IO	1,294	1	1,294	,425	,518
	Parede IR	3,044	1	3,044	,934	,340
	Parede IF	6,781	1	6,781	2,372	,132
	Parede IFam	7,817	1	7,817	3,381	,074
	Parede IPr	1,929	1	1,929	,879	,354
	Parede Iip	,110	1	,110	,038	,847
	Parede IS	6,437	1	6,437	3,090	,087
	Envolvimento	,711	1	,711	,016	,901
	Controle	4,505	1	4,505	,116	,735
	Aceitação de Riscos	9,527	1	9,527	,561	,458
Grupo * Sexo	Ferremanta 2 (F)	7,426	2	3,713	,561	,575
	Escala de Neurotização	65,821	2	32,911	,029	,971
	Parede IO	10,209	2	5,104	1,676	,200
	Parede IR	4,257	2	2,128	,653	,526
	Parede IF	13,623	2	6,812	2,382	,106
	Parede IFam	15,593	2	7,797	3,373	,045
	Parede IPr	3,224	2	1,612	,735	,486
	Parede Iip	2,911	2	1,455	,498	,611
	Parede IS	1,641	2	,821	,394	,677
	Envolvimento	1,151	2	,576	,013	,987
	Controle	67,797	2	33,899	,874	,425
	Aceitação de Riscos	76,456	2	38,228	2,250	,119

Fonte: Pellegrini, 2014



ANEXO N													
Quadro 6: Correlação Spearman													
	Idade	Ferremanta 2 (F)	Escala de Neurotização	Parede IO	Parede IR	Parede IF	Parede IFam	Parede IPr	Parede Iip	Parede IS	Envolvimento	Controle	Aceitação de Riscos
Idade	1,000	-,139	-,152	-,325*	-,251	-,042	,043	-,346*	-,108	-,086	,033	-,072	,217
Ferremanta 2 (F)	-,139	1,000	-,470**	-,023	-,103	-,069	-,102	,215	-,242	-,037	-,263	-,343*	-,163
Escala de Neurotização	-,152	-,470**	1,000	,098	,076	,105	,003	-,028	,000	,168	,331*	,366*	,379*
Parede IO	-,325*	-,023	,098	1,000	,739**	,678**	,414**	,820**	,457**	,478**	,280	,346*	,295*
Parede IR	-,251	-,103	,076	,739**	1,000	,309*	,485**	,545**	,527**	,175	,218	,247	,177
Parede IF	-,042	-,069	,105	,678**	,309*	1,000	,333*	,554**	,375*	,294*	,048	,174	,339*
Parede IFam	,043	-,102	,003	,414**	,485**	,333*	1,000	,123	,336*	-,075	,135	,161	,256
Parede IPr	-,346*	,215	-,028	,820**	,545**	,554**	1,000	,133	,133	,558**	,193	,247	,177
Parede Iip	-,108	-,037	,168	,457**	,527**	,375*	,336*	1,000	1,000	-,152	,133	,062	,184
Parede IS	-,086	-,037	,168	,478**	,175	,294*	-,075	,558**	-,152	1,000	,271	,221	,207
Envolvimento	,033	-,263	,331*	,280	,218	,048	,135	,193	,133	,271	1,000	,682**	,418**
Controle	-,072	-,343*	,366*	,346*	,247	,174	,161	,247	,062	,221	,682**	1,000	,348*
Aceitação de Riscos	,217	-,163	,379*	,295*	,177	,339*	,256	,177	,184	,207	,418**	,348*	1,000

\*. A correlação significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

\*\*\*. A correlação significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: Pellegrini, 2014